

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS - MG

Instituto de Ciências da Natureza

Curso de Geografia - Bacharelado

TAMYRIS MARIA MOREIRA DA COSTA



**AGRICULTURA FAMILIAR E PLURIATIVIDADE NO
BAIRRO RURAL MANDASSAIA – ALFENAS-MG**

Unifal
Universidade Federal de Alfenas

Alfenas - MG

2016

TAMYRIS MARIA MOREIRA DA COSTA

**AGRICULTURA FAMILIAR E PLURIATIVIDADE NO
BAIRRO RURAL MANDASSAIA – ALFENAS/MG**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte dos requisitos para obtenção do título de graduado no curso de Geografia modalidade Bacharelado pela Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL-MG. Área de concentração: Geografia Agrária.

Orientadora: Dra. Ana Rute do Vale

**Alfenas - MG
2016**

TAMYRIS MARIA MOREIRA DA COSTA

**AGRICULTURA FAMILIAR E PLURIATIVIDADE NO
BAIRRO RURAL MANDASSAIA – ALFENAS/MG**

A banca abaixo assinada aprova o Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte dos requisitos para obtenção de título de graduado no curso de Geografia modalidade Bacharelado pela Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL-MG. Área de concentração: Geografia Agrária.

Aprovada em:

Profº.

Assinatura:

Aprovada em:

Profº.

Assinatura:

Aprovada em:

Profº.

Assinatura:

Alfenas - MG
2016

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho, primeiramente a Deus, pois desde o início Ele estava comigo. Ofereço-vos Senhor humildemente minha gratidão, minha felicidade e minha vitória!

Agradeço a meu pai, João Batista da Costa e minha mãe, Mírian Maria Moreira Costa por serem tão amorosos, compreensivos, exemplares e cuidadosos. Obrigada, por me aproximarem da calmaria no campo em meio aos tempos modernos. Tenho orgulho de ter raízes advindas do rural, de preservar os costumes da família e de conciliar a natureza com a minha essência.

Ao meu irmão Tiago Marcos Moreira da Costa, obrigada por tornar as minhas brincadeiras e aventuras de infância muito mais alegres. Obrigada também por todo carinho, proteção e por me roubar sorrisos mesmo nos momentos mais difíceis! Você, o Papai e a Mamãe são pilares fundamentais em minha vida. Amo vocês!

Aos meus avós paternos, afilhadas, madrinhas, padrinho, primos (as), tios (as) que estiveram presentes, as palavras de carinho e incentivo de vocês me auxiliou a vencer os desafios desta caminhada. De forma especial, recordo com saudade cada momento de aprendizado e alegria com meus avós maternos (in memoriam), vocês estão vivos nas minhas mais doces lembranças. Desde já, deixo meu muito obrigada a todos (as)!

Agradeço também minhas queridas amigas de infância por todo carinho, apoio, amizade, por me proporcionarem vários sorrisos, por me oferecerem o ombro e o conforto de palavras afáveis nos momentos de desesperança. Vocês são muito especiais para mim!

Agradeço ao Curso de Geografia Bacharelado, da Universidade Federal de Alfenas-MG, por me proporcionar conhecimento, inúmeras vivências, sejam nas salas de aula ou nos diversos lugares que conheci através dos trabalhos de campo e por me preparar profissionalmente para a vida.

Agradeço a todos professores (as) que me acompanharam durante a graduação, por toda persistência, conhecimento, profissionalismo, respeito e por todas tentativas incansáveis de nos transmitir sabedoria. Obrigada por me tornar uma pessoa melhor!

De modo especial agradeço a minha professora e orientadora Ana Rute do Vale, por toda dedicação, sabedoria, estímulo, por ouvir minhas considerações e partilhar comigo suas ideias. Admiro sua competência profissional, seu conhecimento e seu modo alegre de levar a vida!

Aos meus amigos e amigas de faculdade, que no começo éramos meros desconhecidos e por nossas afinidades e particularidades, o tempo e o convívio nos tornaram amigos (as). A partir de então enfrentamos juntos (as) os medos, anseios, experiências e dificuldades que só nos fortaleceram nesta batalha. Foram muitos sorrisos, preocupações, cuidados, alegrias, lágrimas, companheirismo e muitas histórias para recordar. Portanto, deixo meu agradecimento imensurável a amizade de cada um (uma) de vocês e que Deus nos permita levar essa amizade para toda a vida!

Agradeço também todos moradores do bairro rural Mandassaia, pertencentes ao município de Alfenas, por nos receberem de forma tão gentil e compartilharem conosco suas vivências de forma que pudéssemos conhecer melhor o bairro. Obrigada pelas conversas prazerosas, os cafés e os sorrisos de boas-vindas. Nunca me esquecerei de vocês!

De modo geral agradeço a todos que de forma direta ou indireta me dirigiram palavras de carinho e sabedoria ao longo desta caminhada.

*“Eu queria ter na vida simplesmente
Um lugar de mato verde
Pra plantar e pra colher
Ter uma casinha branca de varanda
Um quintal e uma janela
Para ver o sol nascer”.*

(Gilson Campos – Casinha Branca)

RESUMO

A partir da análise em torno do conceito de pluriatividade, pode-se definir que esta reprodução social e econômica é um subterfúgio para os agricultores familiares enfrentarem suas carências e permanecerem no espaço rural. Logo, deve ser levado em consideração as potencialidades, as especificidades e a dinâmica nas quais estas famílias estão inseridas. Deste modo, o presente trabalho possui o intuito de compreender como a pluriatividade se manifesta na agricultura familiar do bairro rural Mandassaia, no município de Alfenas-MG. Para sua realização, fez-se um resgate histórico no período de alterações socioespaciais, culturais e econômicas no bairro, devido a implantação da Usina Hidrelétrica de Furnas, que causou perdas territoriais, variação na principal fonte de renda dos moradores e o isolamento geográfico em relação à sede municipal. A vista disso, foi possível identificar que o bairro rural Mandassaia é caracterizado pelo predomínio de pequenas propriedades de origem e trabalho na agricultura familiar, uma vez que estas cultivam a cafeicultura e algumas complementam a renda conciliando as atividades agrícolas e não-agrícolas no cotidiano.

Palavras-Chave: Bairro Rural; Agricultura Familiar; Sul de Minas Gerais.

RESUMEN

Del análisis en torno al concepto de pluriactividad se puede definir que esta reproducción social y económica es un subterfugio para que los agricultores familiares enfrenten sus necesidades y permanezcan en el medio rural. Por tanto, se deben tener en cuenta las potencialidades, especificidades y dinámicas en las que se insertan estas familias. Así, este trabajo tiene como objetivo comprender cómo se manifiesta la pluriactividad en la agricultura familiar en el distrito rural de Mandassaia, en el municipio de Alfenas-MG. Para su realización, se realizó una recuperación histórica en el período de cambios socioespaciales, culturales y económicos en el barrio, debido a la implementación de la Central Hidroeléctrica Furnas, que provocó pérdidas territoriales, variación en la principal fuente de ingresos del residentes y el aislamiento geográfico en relación a la sede municipal. Ante esto, se pudo identificar que el barrio rural de Mandassaia se caracteriza por el predominio de pequeñas propiedades de origen y trabajo en la agricultura familiar, ya que estas cultivan café y algunas complementan los ingresos conciliando actividades agrícolas y no agrícolas en el día a día.

Palabras clave: Barrio rural; Agricultura familiar; Al Sur de Minas Gerais.

LISTA DE FIGURAS, GRÁFICOS, MAPA E TABELAS

Figura 1 - Balsa de travessia entre os bairros Barranco Alto/Mandassaia e Harmonia/Alfenas	36
Figura 2 - Propriedade com plantação de café no bairro rural Mandassaia	37
Figura 3 - Sede da associação de produtores rurais de Mandassaia	39
Figura 4 - Escola municipal Arlindo Silveira no bairro rural Mandassaia	40
Figuras 5 - Terreiros para secagem do café colhido no bairro rural Mandassaia	52
Figura 6 - Galpão utilizado para armazenar o secador de café em uma propriedade do bairro rural Mandassaia	53
Figura 7 - Plantação de feijão em uma propriedade no bairro rural Mandassaia	59
Figura 8 - Comércio (vendinha) do bairro rural Mandassaia	60
Gráfico 1 - Atividade mais importante para a renda das famílias entrevistadas	38
Gráfico 2 - Associação e participação dos produtores junto à associação do bairro	40
Gráfico 3 - Religião das famílias entrevistadas	42
Gráfico 4 - Práticas religiosas das famílias entrevistadas	42
Gráfico 5 - Tipos de veículos das famílias entrevistadas	43
Gráfico 6 - Frequência das visitas nos municípios de Alfenas e/ou Alterosa	44
Gráfico 7 - Motivo das visitas nos municipais de Alfenas e/ou Alterosa	45
Gráfico 8 - Assistência médica em caso de necessidade	46
Gráfico 9 - Frequência das famílias entrevistadas em visitas aos vizinhos	46
Gráfico 10 - Motivo das visitas aos vizinhos	47
Gráfico 11 - Número de propriedades divididas em intervalos de 10 unidades de hectares em relação a área total	49
Gráfico 12 - Condição do trabalho exercido nas propriedades visitadas, em termos de mão- de-obra	50
Gráfico 13 - Forma de venda do café produzido no Mandassaia	51
Gráfico 14 - Satisfação dos produtores cooperados quanto à assistência técnica e/ou financeira da cooperativa	52

Gráfico 15 - Aquisição de crédito e/ou inserção em programa governamental, famílias entrevistadas	54
Gráfico 16 - Tipos de insumos químicos utilizados na produção rurais entrevistadas	55
Gráfico 17 - Estabilidade financeira na produção agrícola e boas condições de vida na perspectiva dos entrevistados	56
Gráfico 18 - Atividades rurais desenvolvidas nas propriedades entrevistadas	58
Gráfico 19 - Fonte de renda das famílias entrevistadas	60
Gráfico 20 - Renda obtida com atividades fora da propriedade e produção agrícola	61
Mapa 1 - Localização do bairro rural Mandassaia Alfenas, pós-implantação da Usina Hidrelétrica de Furnas	15
Tabela 1 - População total do município de Alfenas entre 1950 - 1970	35
Tabela 2 - Número e área dos estabelecimentos agropecuários de Alfenas por grupos de área total em 2006	49
Tabela 3 - Maquinários e implementos agrícolas existentes nas propriedades entrevistadas (números absolutos)	54

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALAGO - Associação dos Municípios do Lago de Furnas

COOXUPÉ - Cooperativa Regional de Cafeicultores de Guaxupé Ltda.

E1, E2, E3 - Entrevistas com moradores

GERES - Grupo de Estudos Regionais e Socioespaciais

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PRONAF - Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

SUS - Sistema Único de Saúde.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
METODOLOGIA	17
1 - BAIRRO RURAL COMO CATEGORIA DE ANÁLISE	19
2 - DEFINIÇÃO DE PLURIATIVIDADE E AGRICULTURA FAMILIAR	23
3- MANDASSAIA: UMA HISTÓRIA DE TRANSFORMAÇÕES	31
3.1 CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA DAS UNIDADES DE PRODUÇÃO FAMILIAR	49
3.2 FORMAS DE MANIFESTAÇÕES DA PLURIATIVIDADE	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	69
APÊNDICE 1 - ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADA COM OS MORADORES MAIS ANTIGOS DO BAIRRO RURAL MANDASSAIA	73
APÊNDICE 2 - QUESTIONÁRIO APLICADO AOS MORADORES DO BAIRRO RURAL MANDASSAIA	74
APÊNDICE 3 - QUESTIONÁRIO APLICADO ÀS MULHERES DO BAIRRO RURAL MANDASSAIA	77

INTRODUÇÃO

Diante das alterações ocorridas no espaço rural, com os novos contextos econômicos inseridos no campo e a reorganização na estrutura familiar agrícola. A pluriatividade atua como uma atividade extra não-agrícola cuja função é auxiliar na permanência dos agricultores familiares na zona rural e gerar independência nas relações de trabalho vinculadas ao campo. Desse modo, a pluriatividade ganha um destaque significativo no complemento de renda mensal das várias famílias agricultoras no país. É importante frisar, que a partir do momento em que um membro desta família de agricultores passa a exercer a pluriatividade, deve possuir raízes no campo independente da atividade desenvolvida.

Schneider e Conterato (2006, p.5) argumentam:

A pluriatividade caracteriza-se pela combinação das múltiplas inserções ocupacionais das pessoas que pertencem a uma mesma família. A emergência da pluriatividade ocorre em situações em que os membros que compõem as famílias domiciliadas nos espaços rurais combinam a atividade agrícola com outras formas de ocupação em atividades não-agrícolas. Ou seja, a pluriatividade resulta da interação entre as decisões individuais e familiares com o contexto social e econômico em que estas estão inseridas.

Através das opções de trabalho vinculados às atividades agrícolas ou não-agrícolas e as novas alternativas de manejo no campo, pode-se pensar no meio rural além da estrutura tradicional de agricultores, pois as múltiplas atividades surgem para desenvolver novas alternativas de trabalho e aplacar as necessidades econômicas dos agricultores que vivem no espaço rural.

Para Wanderley (2003, p.48), a capacidade de resistência e adaptação dos agricultores aos novos contextos econômicos e sociais, não pode ser considerada como um simples campesinato tradicional.

Contudo a agricultura familiar não se baseia somente no que é produzido na propriedade, as famílias produtoras são capazes de buscar novas alternativas, sejam agrícolas ou não-agrícolas para suprir suas necessidades e se adaptarem ao novo rural. Por isso a pluriatividade se estabeleceu na economia dos agricultores familiares, devido a vários fatores que envolvem o conjunto social e econômico destes.

Desse modo, é importante que as decisões sejam pautadas em todos membros da família, com o intuito de reforçar e garantir a permanência destes no campo.

O ponto de partida é o conceito de agricultura familiar, entendida como aquela em que a família, ao mesmo tempo em que é proprietária dos meios de produção, assume o trabalho no estabelecimento produtivo. É importante insistir que este caráter familiar não é um mero detalhe superficial e descritivo: o fato de uma estrutura produtiva associar família-produção-trabalho tem consequências fundamentais para a forma como ela age econômica e socialmente (WANDERLEY, 1996, p.2).

A identidade rural presente nas famílias do campo designa o modo de vida destas, como a efetiva ligação com a natureza, a relação de convivência com a vizinhança do bairro, o modo de produzir e a possibilidade de permanecer no campo são particularidades presentes nas famílias cuja base é a agricultura familiar.

Em vista disso, é fundamental destacar seis características básicas, na qual se define a agricultura familiar desta pesquisa:

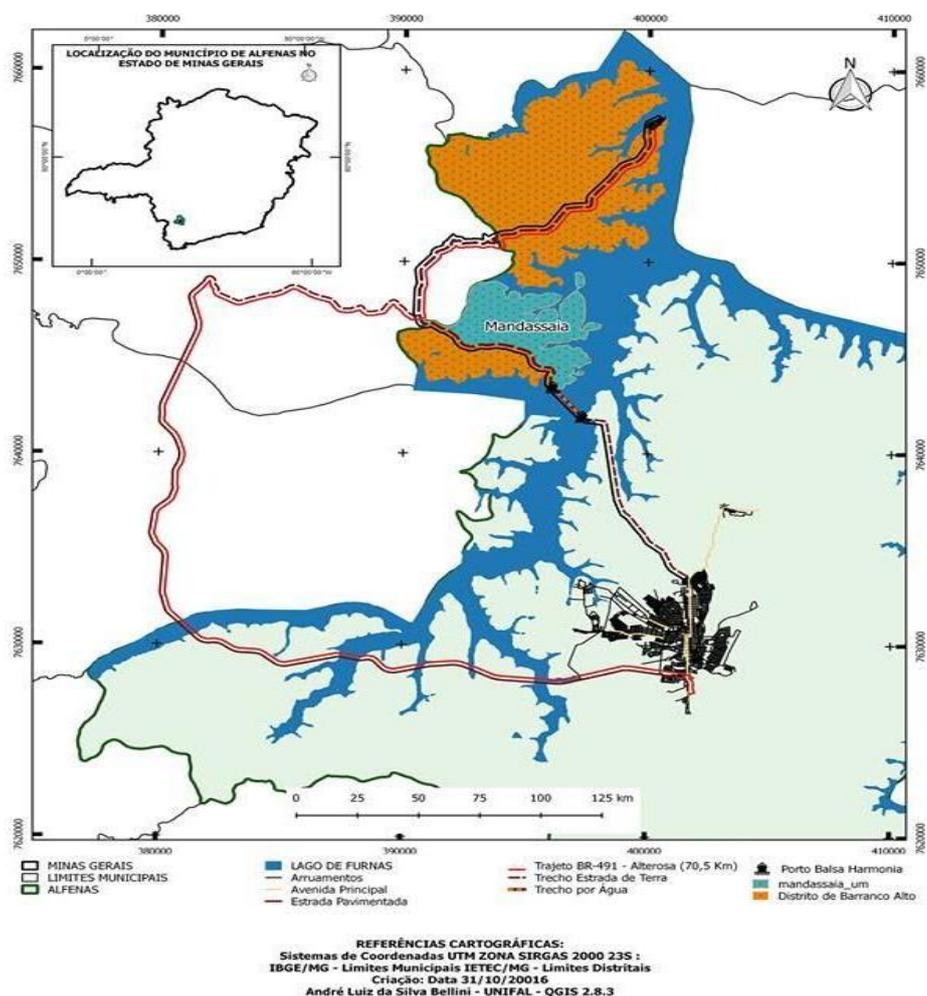
1) A gestão é feita pelos proprietários; 2) Os responsáveis pelo empreendimento estão ligados entre si por laços de parentesco; 3) O trabalho é fundamentalmente familiar; 4) O capital pertence à família; 5) O patrimônio e os ativos são objetos de transferência intergeracional no interior da família e; 6) Os membros da família vivem na unidade produtiva. (GASSON; ERRINGTON, 1993, p. 20, apud MOREIRA, 2008, p. 33).

Para Carneiro (2008, p.257) a unidade de análise se tratando de agricultura familiar, deve ser privilegiada como uma unidade que sustenta uma rede de relações sociais diversas e estas não podem ser reduzidas apenas às relações de trabalho.

Desta forma, pretende-se compreender como a agricultura familiar e suas respectivas características ocorrem no bairro rural Mandassaia que está localizado no município de Alfenas, que pertence a Mesorregião Sul/Sudoeste de Minas Gerais (figura 01), e é um dos municípios atingidos pela implantação da Usina Hidrelétrica de Furnas, no final da década de 1950, onde foi coberta uma superfície de 1.440 Km², que atingiu também outros 34 (trinta e quatro) municípios da região. Este procedimento ocasionou profundas transformações socioespaciais, econômicas, ambientais e culturais no município de Alfenas, principalmente nos bairros rurais, sobretudo, o Mandassaia que ficou isolado espacialmente em relação a sua sede municipal, o que dificulta o deslocamento dos moradores para desempenharem suas atividades na zona urbana.

Mapa 01- Localização do bairro rural Mandassaia em Alfenas, pós-implantação da Usina Hidrelétrica de Furnas.

MAPA DE LOCALIZAÇÃO DO BAIRRO RURAL MANDASSAIA NO MUNICÍPIO DE ALFENAS MINAS GERAIS



Elaboração: André Luiz da Silva Bellini – UNIFAL- MG (QGIS 2.8.3).

O recorte realizado no Mandassaia, possui o intuito de analisar a agricultura familiar predominante no bairro e suas adaptações para a permanência das famílias no campo. De acordo com Moreira (2008, p. 23), este se constitui como “uma unidade socioespacial alicerçada em três elementos: a base físico-territorial, o sentimento de localidade (identidade) e a sociabilidade entre os moradores (as relações de vizinhança)”.

Devido à perda de terras e o isolamento espacial, o bairro Mandassaia passou a ser servido pelo sistema de balsa, pois a distância do porto Barranco Alto/Mandassaia até o porto Harmonia/Alfenas é de aproximadamente 15 km (mapa 01).

O propósito é compreender a readaptação deste bairro rural, principalmente em relação a mudança repentina na renda familiar, o rompimento do vínculo afetivo com o lugar de origem e suas tradições para as famílias remanescentes.

É importante ressaltar, que a economia do Mandassaia passou da plantação de arroz nas várzeas dos rios Grande e Sapucaí para um investimento arriscado como a cultura do café, que não pertencia a paisagem da região até a inundação. Como o isolamento comprometeu consideravelmente a economia do Mandassaia e de outros bairros rurais do município de Alfenas, alguns agricultores familiares que permaneceram no bairro passaram a inserir em seu cotidiano atividades não-agrícolas para complementarem a renda de suas respectivas famílias no campo. Uma vez que, o receio do alagamento fez vários moradores venderem suas propriedades e buscarem terras férteis em lugares afastados da represa de Furnas.

Diante de tantas transformações no bairro, seja a respeito do deslocamento até a sede municipal, a instalação de energia elétrica, a criação da associação de produtores do bairro, a Escola Municipal Arlindo Silveira que atende a educação infantil e o ensino fundamental I (1ª a 5ª série) para as crianças pertencentes ao bairro Mandassaia e seu entorno, diante de todos estes e outros pontos positivos considerar este bairro rural atrasado por conta da inundação, seria questionável pois, este vem se desenvolvendo gradativamente.

A escolha do tema, pluriatividade no bairro rural Mandassaia do município de Alfenas-MG tem como pressuposto a compreensão destas atividades como complemento na renda para os agricultores familiares que a utilizam.

Vale (2005, p.2) ressalta que o número de pessoas que se dedicam exclusivamente a agricultura tem diminuído, mesmo as que residem no meio rural. Neste caso, temos os agricultores que se dedicam tanto as atividades agrícolas como as não-agrícolas.

Portanto para compreender a história do bairro rural Mandassaia, sua representatividade na agricultura familiar e a análise da importância da pluriatividade para as famílias que adotaram esta atividade complementar e como se compõe no novo rural brasileiro. Nos próximos capítulos serão expostos inicialmente a metodologia utilizada, discussão teórica a partir dos conceitos de bairro rural, pluriatividade e agricultura familiar. Sucessivamente, foi realizado um levantamento histórico do bairro Mandassaia, sua caracterização socioeconômica a partir das unidades de produção entrevistadas, e como acontece a forma de manifestação da pluriatividade no bairro, a fim de contribuir para a investigação científica no âmbito geográfico, o último capítulo traz as considerações finais com base na análise dos resultados obtidos.

METODOLOGIA

Este trabalho faz parte de uma pesquisa maior sobre a agricultura familiar no município de Alfenas, a partir dos bairros rurais, desenvolvido pela professora Ana Rute do Vale e seus orientandos, integrantes do Grupo de Estudos Regionais e Socioespaciais (GERES). Dentre esses bairros pesquisados, foi no Mandassaia onde pretendeu-se investigar a agricultura familiar em três aspectos: cafeicultura, pluriatividade e a questão de gênero.

Essa pesquisa iniciou-se realizando um levantamento bibliográfico sobre o assunto, sobretudo os conceitos de bairro rural, pluriatividade e agricultura familiar que serviram de base para a análise dos dados coletados posteriormente, no sentido de aliar o teórico e o empírico. Esse primeiro passo se deu através da busca de livros, artigos, teses e demais produções científicas nas bibliotecas da UNIFAL-MG (sede e Unidade II) e virtuais, além de artigos disponíveis em revistas eletrônicas e anais de eventos.

Foi realizado em seguida uma busca por dados secundários, a fim de complementar a bibliografia obtida através das produções científicas e embasar o trabalho de campo, fazendo a coleta desses dados em órgãos oficiais do município – Prefeitura Municipal de Alfenas - MG, sindicato de produtores rurais e IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) - para orientar nossa busca pelos dados primários. Dentre esses dados, foi de fundamental importância a obra de Vieira (2009), Mandassaia ... Naquela época ... quando Furnas era o crime do século ...”, para resgatar a história do bairro, nesse período de transformações.

A aquisição dos dados primários foi, então, o passo seguinte, no qual, durante o trabalho de campo, foram realizadas entrevistas com os 4 (quatro) moradores mais antigos do bairro (apêndice 1), no qual foi utilizado como o instrumento de investigação a história oral, que, de acordo com Ferreira (2002, p. 321):

[...] busca produzir um conhecimento racional, uma análise crítica através de uma exposição lógica dos acontecimentos e vidas do passado. A memória é também uma construção do passado, mas pautada em emoções e vivências; ela é flexível, e os eventos são lembrados à luz da experiência subsequente e das necessidades do presente.

Também foi realizada aplicação de questionários semiestruturados, sendo um aos membros responsáveis pelas unidades de produção familiar do bairro, em um total de 16 (dezesesseis) entrevistados (apêndice 2), buscando caracterizá-las nos aspectos sociais, econômicos e culturais, bem como as formas de manifestação da pluriatividade.

Isso posto, efetuou-se a organização, tabulação e análise dos dados coletados a fim de contextualizar com a teoria obtida, realizando assim as considerações finais onde buscou-se analisar a presença da pluriatividade na agricultura familiar.

1 - BAIRRO RURAL COMO CATEGORIA DE ANÁLISE

Os bairros rurais são dispostos habitualmente a partir de um grupo de moradores próximos com relações interpessoais, onde as questões econômicas, sociais, culturais e ambientais fazem parte de práticas de organização e reprodução deste espaço na busca por melhorias.

Souza e Hespanhol (2010) ressaltam que os bairros rurais surgem como resultado da efetiva produção do espaço local, o trabalho nele exercido e a transformação cotidiana do meio natural e continuidade de vida.

Esta fração de território que surge a partir do vínculo entre moradores é acompanhada desde sua formação, percorre toda sua evolução histórica e permanece até o momento atual, onde mesmo com o intenso cotidiano dos moradores, ainda se tem um tempo para dialogar e se dispor a ajudar o próximo.

Bombardi (2004, p. 59) argumenta:

[...] o bairro é na realidade uma célula de comunidade social onde existem certos tipos de relações sociais a lhe darem corpo: laços de parentesco ou de vizinhança, reforçados frequentemente pela existência de uma venda, capela ou escola cujo raio de ação marca comumente os limites do bairro... o pequeno proprietário sitiante, embora crie um povoamento disperso, está preso a uma certa unidade - o bairro - que corresponde a um certo fator geográfico que o torna distinto: a proximidade das casas e uma relativa concentração. Este fato é importante porque não se trata de uma dispersão em que o sitiante está isolado, em que suas relações com o meio só poderiam contar com recursos individuais...

Desta forma, cada bairro possui suas próprias características que podem permanecer desde sua colonização e continuar nesse ciclo de geração em geração. A agricultura familiar é uma particularidade dentro de um bairro rural seguida por inúmeros elementos de uma rotina rural, como o respeito aos mais velhos, tradições, costumes, negócios, doações, ativa relação com a natureza, a terra onde se produz, valores morais e religiosos são características que marcam a essência da população que vive em um bairro rural.

Sob este aspecto poderíamos definir o bairro como o agrupamento mais ou menos denso de vizinhança, cujos limites se definem pela participação dos moradores nos festejos religiosos locais. Quer os mais amplos e organizados, geralmente com o apoio na capela consagrada a determinado santo; quer os menos formais, promovidos em caráter doméstico. Vemos, assim, que o trabalho e a religião se associam para configurar o âmbito e o funcionamento do grupo de vizinhança, cujas moradias, não raro muito afastadas umas das outras, constituem unidade, na medida em que participam no sistema destas atividades (CANDIDO, 2003, p.29, apud OLIVEIRA, 2006, p. 142-143).

A religiosidade é uma forte e expressiva base no cotidiano dos moradores rurais, pois mantém ou resgata as festividades ao padroeiro (a) do bairro alegrando e expressando a fé da população. A escola do bairro também incentiva as crianças com as típicas festas juninas, comemorando com entusiasmo os santos do mês de junho.

No interior deste resgate, muitas vezes o capitalismo aparece de modo desinteressado a fim de angariar fundos, entretanto a finalidade destas arrecadações é defendida pelos organizadores com a intenção de promover melhorias para a população e para o bairro.

Souza e Hespanhol (2010), coloca que as festas são realizadas nos mesmos moldes de antigamente, porém o que se anseia é a arrecadação. Neste sentido o elo religiosidade e práticas culturais é mantido, como uma tradição para a realização das festividades.

Mesmo sabendo da intenção de se obter lucros com os festejos, a população se dispõe a ajudar, em prol de um momento de lazer, conversas e distrações. Uma vez que, o objetivo principal para a realização das festas seja alcançado, que é de angariar fundos e reverter para uma manutenção na associação ou na capela do bairro.

Através deste sentimento de pertencimento ao bairro, a semelhança de posição social entre as famílias e a disposição em ajudar o próximo que designa a sociabilidade destes moradores. Seja nas relações de trabalho, como os mutirões ou na participação da associação de produtores rurais, onde a finalidade são os interesses da população em relação à segurança, educação, saúde, transporte, emprego, meio ambiente e outras questões.

Diante desta nova estrutura capitalista que considera o espaço rural como atrasado e meramente agrícola, a alternativa que os agricultores familiares encontram é a busca pela rentabilidade alicerçada ao modo de vida intrinsecamente ligada a terra, não somente no quesito econômico, mas, sim na construção do pertencimento e do laço familiar. Deste modo a estratégia de reprodução familiar atrelada a pluriatividade assegura a permanência destas famílias no campo, ao mesmo tempo que mescla o rural ao urbano.

Para Rúa (2005) o rural torna-se cada vez mais diferente de agrícola, ao mesmo tempo, distingue-se cidade e urbano explicitando a crescente complexidade que marca tais relações. Rural e urbano integram-se, mas sem se tornarem a mesma coisa, já que preservam suas especificidades.

Apesar dos bairros rurais serem definidos como um espaço local de menor escala e de relações diretas, a influência do capitalismo altera o processo de reprodução destes.

De acordo com as características próprias de cada bairro, a cooperação entre os moradores em alguns lugares ainda é muito forte. Pois muitos destes moradores possuem o trabalho baseado

na mão-de-obra familiar, o que os faz trocar dias de serviço para uma família auxiliar a outra ou na realização de mutirões, cujo intuito é absorver o máximo de serviço no prazo estabelecido, para diminuir o tempo gasto na colheita. Estas formas de organização variam de acordo com a localidade e a disponibilidade dos vizinhos.

Como foi dito anteriormente, a zona rural tem sido vinculada somente ao setor agrícola uma vez que este está sendo consumido com a intensa mecanização e eliminação de mão-de-obra familiar. As áreas que possuem uma altitude mais elevada ainda se mantêm na agricultura familiar, mas, as que pertencem às áreas planas estão pertencendo em grande parte ao arrendamento de terras para a plantação de lavouras temporárias, o que está alterando significativamente a agricultura familiar no campo.

A forma como cada membro que vive da agricultura familiar age, depende da sua condição econômica e o modo social em que estão integrados. Desta forma a estratégia que as famílias buscam para permanecerem em suas propriedades e no seu bairro rural é a adaptação ao manejo do solo e das lavouras com o auxílio dos insumos e implementos agrícolas, introduzidos no campo com a finalidade de extrair mais produção deste.

Diante desta nova configuração no campo brasileiro, poucas são as famílias que resistem ou escapam desta dinâmica, uma vez que o poder público não visa uma agricultura sustentável e não assegura estes trabalhadores. O fato é que mesmo diante de tantas exigências por qualidade na produção e tecnologia associada ao campo, os moradores de seus respectivos bairros possuem uma associação justamente para debater estes temas e buscar alternativas que os façam escapar desta escala de produção associada ao capitalismo.

A agricultura familiar dispõe de uma respeitável categoria social de produtores rurais presentes justamente nos bairros rurais das diferentes regiões do país, estabelecidas por suas condições e de grande importância para sua localidade. Por isso, estes agricultores familiares “tem procurado alternativas de renda por meio do desenvolvimento de atividades não-agrícolas, ou mesmo do emprego urbano ou da aposentadoria” como oportunidade de permanência na propriedade e no complemento da renda familiar (Souza e Hespanhol, 2010, p.188).

Com o desenvolvimento das atividades não-agrícolas no campo e na cidade, estes vem associando suas intrínsecas características, e esta mescla aproxima a zona rural da zona urbana e a partir do momento em que um morador de um bairro rural busca uma alternativa de emprego na cidade, este levará sua identidade, seu modo de vida e sua essência para este novo ambiente de convívio. É válido lembrar que a ruralidade compôs o processo de formação de várias cidades

brasileiras e hoje esta herança do passado exerce importantes funções dentro destas cidades, desde a economia até a cultura.

Para compreender a estratégia de reprodução familiar atrelada às novas alternativas de rendas, que associam o rural ao urbano e que vem ganhando intensidade em alguns bairros rurais brasileiros, no próximo capítulo serão abordados importantes conceitos e como acontecem as atividades agrícolas e não-agrícolas nas propriedades dos agricultores familiares.

2 – DEFINIÇÕES DE PLURIATIVIDADE E AGRICULTURA FAMILIAR

O conceito de pluriatividade possui diferentes interpretações, sejam por autores renomados de outros países ou no Brasil.

Para Alentejano (2001) o debate em torno da questão da pluriatividade é recente e limitado no país, difundido na década de 1980 na Europa, somente na década de 1990 começou a ganhar espaço no Brasil.

A agricultura familiar se firmou na Europa desde a década de 1950, juntamente com a aceleração da mecanização e especialização no campo. Mas, foi na década de 1970 que surgiu uma perceptível resistência dos agricultores devido a uma crise de superprodução europeia que conduziu estes a diversificar suas culturas e atividades.

Moreira (2008) coloca que este modelo de agricultura nos anos de 1990 é marcado pelo neoliberalismo e interesses agrícolas nos países europeus, pois no Brasil a pluriatividade está relacionada a queda da produção agrícola, urbanização e falta de políticas rurais.

A pluriatividade se configura no arranjo de diversas ocupações dos integrantes de uma mesma família “A emergência da pluriatividade ocorre em situações em que os membros que compõem as famílias domiciliadas nos espaços rurais combinam a atividade agrícola com outras formas de ocupação em atividades não-agrícolas” (SCHNEIDER; CONTERATO, 2006, p.5).

Estas ocupações auxiliam no complemento da renda, principalmente em bairros rurais que estão saturados por empresas associadas ao agronegócio. Uma vez que o espaço de produção dos pequenos agricultores é limitado para exercerem suas atividades agrícolas e sobreviverem desta.

O crescimento das atividades não-agrícolas tem sido um fenômeno importante da atual fase de desenvolvimento do meio rural. Com a redução do peso das atividades agrícolas no emprego e na renda das pessoas, estão cada vez mais presentes fontes de ocupação e renda diversificadas dentro das famílias e essa prática tem sido denominada de pluriatividade (NEY, 2010, p.5).

Este processo de diversificação na prática de trabalho que ocorre dentro ou fora da propriedade e estabelece uma dinâmica no campo, uma vez que, se a zona urbana estiver próxima da zona rural e for de fácil acesso o deslocamento os moradores irão buscar alternativas de emprego que complementam a renda de suas respectivas famílias e assegurem sua permanência no campo.

A pluriatividade permite reconceituar a propriedade como uma unidade de produção e reprodução, não exclusivamente baseada em atividades agrícolas. As propriedades

pluriativas são unidades que alocam o trabalho em diferentes atividades, além da agricultura familiar [...] Muitas propriedades possuem mais fontes de renda do que locais de trabalho, obtendo diferentes tipos de remuneração. A pluriatividade, portanto, refere-se a uma unidade produtiva multidimensional, onde se pratica a agricultura e outras atividades, tanto dentro como fora da propriedade, pelas quais são recebidos diferentes tipos de remuneração e receitas (rendimentos, rendas em espécie e transferências) (FULLER, 1990, p. 367, apud SCHNEIDER, 2003, p.105).

A pluriatividade permite o exercício de atividades dentro da área agrícola, como o beneficiamento de produtos da própria propriedade rural quanto, em atividades que não tenham ligação direta com a produção animal e/ou vegetal e estas ocorram por parte dos membros de uma mesma família.

A utilização de atividades agrícolas e não-agrícolas não é um acontecimento inteiramente novo na visão de dois autores renomados, Karl Kautsky e Alexander V. Chayanov, para eles o que faltava eram argumentos conceituais para respaldar esta definição.

Na percepção de Karl Kautsky, o processo de desenvolvimento do capitalismo na agricultura, não impede que as pequenas propriedades desenvolvam outras atividades para se manterem no campo.

[...] No entanto, Kautsky afirma que o processo de transformação estrutural da agricultura sob o capitalismo não elimina, necessariamente, as pequenas propriedades desde que elas desenvolvam “formas de trabalho acessório” (que podem ou não estar ligadas à agricultura) que lhes permitam manter sua reprodução social (KAUTSKY, 1980, apud SCHNEIDER, 2003, p. 105).

A permanência dos agricultores familiares no campo estará firmada a partir do momento que estes incorporarem a pluriatividade como uma importante forma de complemento e resistência ao abandono do campo, seja com atividades não agrícolas no município vizinho, nas fazendas ou nas indústrias agrícolas.

[...] não devemos pensar que a pequena propriedade territorial esteja em vias de desaparecer na sociedade moderna, ou que possa ser inteiramente substituída pela grande propriedade. A grande propriedade, por mais que rechace os camponeses livres, sempre manterá uma parte deles à sua ilharga, uma parte que ressuscita como pequenos arrendatários (KAUTSKY, 1980, p.178, apud SCHNEIDER, 2003, p.106).

Como é destacado na citação anterior, é interessante para os grandes proprietários que estes agricultores continuem habitando no campo, pois estes terão mão-de-obra para os assessorar nas

fazendas de produção. Desta forma, aos poucos a produção de base familiar vão sendo subtraídas e se tornando totalmente dependentes das grandes propriedades.

Por isso, a inserção da pluriatividade como um complemento de renda, independência e estratégia para estas famílias é crucial.

De acordo com Karl Kautsky, (1980, p.194-206), existem três tipos de atividades que exercem o papel de pluriatividade.

Trabalho agrícola assalariado, mais conhecido como trabalho temporário, exercido nas grandes propriedades em épocas de maior demanda por mão-de-obra, como nas colheitas.

Ocupação dos camponeses em indústrias a domicílio, o que, em geral, ocorre em regiões de pouca aptidão agrícola para consolidar uma agricultura competitiva [...].

Fundação de indústrias no campo, que progride em função do avanço das comunicações (canais, estradas de ferro, telégrafos), o que também ocasiona a necessidade de trabalhos complementares para as famílias de pequenos proprietários (KAUTSKY, 1980, p.194-206, apud SCHNEIDER, 2003, p.106).

De fato, esses três tipos de atividades pluriativas que o autor cita, são exemplos claros de estratégias para as famílias do campo, lembrando que estas atividades podem ocorrer de forma individual ou agrupada variando de região para região.

Ao optar por uma destas atividades, os pequenos produtores buscam uma forma de adquirir trabalho não somente no ramo agrícola. Como exemplo, temos as famílias que residem em áreas de aptidão agroindustrial, estas indústrias têm ganho cada vez mais espaço no campo, por estar próxima da matéria-prima e da disponibilidade de mão-de-obra, principalmente feminina.

Outro autor pioneiro em destacar a importância das “atividades rurais não-agrícolas”, foi Alexander V. Chayanov.

A família é o elemento-chave para explicar o processo de tomada de decisão por parte dos indivíduos no que se refere à produção, à alocação da força de trabalho, à utilização dos equipamentos e ao investimento. Assim, a compreensão do funcionamento das unidades econômicas camponesas pressupõe a análise do modo pelo qual as famílias solucionam seus problemas com vistas à manutenção de uma situação de equilíbrio, vital para garantir sua reprodução social. A avaliação subjetiva da família, portanto, é decisiva para definir o “grau de auto exploração” das unidades econômicas camponesas no que se refere ao volume da atividade agrícola, à intensidade do trabalho e ao destino da produção. Tal avaliação tem como referência a manutenção do balanço entre trabalho e consumo (CHAYANOV, 1974, apud SCHNEIDER, 2003, p.106-107).

Deste modo é relevante a decisão dentro da unidade familiar, principalmente a respeito das atividades que cada membro irá desempenhar, pois a finalidade é manter o equilíbrio entre as

atividades remuneradas e os gastos, para garantir a permanência e produção destes no campo.

Trata-se de atividades artesanais e comerciais que fornecem uma remuneração muito mais elevada por unidade de trabalho. Com sua ajuda pode-se obter ganhos maiores com menos esforço, e a família prefere ajustar o equilíbrio básico entre consumo e desgaste da força de trabalho principalmente por meio da ocupação em artesanato e comércio [...]. Em outras palavras, podemos assegurar teoricamente que a divisão do trabalho na família camponesa entre atividades agrícolas e não - agrícolas (artesanato e comércio) é levada a cabo pela comparação da situação de mercado desses ramos da economia nacional (CHAYANOV, 1974, p.120, apud SCHNEIDER, 2003, p.108).

Com o intuito de estimular a geração de renda e manter os agricultores produzindo no campo, através de financiamentos voltados para atividades e serviços rurais agrícolas ou não-agrícolas. O Governo Federal criou o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF) sendo a primeira política reconhecida em favor dos agricultores familiares. Segundo Denardi (2001) o PRONAF é uma conquista dos movimentos sociais e sindicais de trabalhadores rurais. Onde a finalidade deste programa, é financiar os custos da produção desenvolvidas nas propriedades rurais ou em áreas comunitárias próximas.

O programa está vigente desde o ano de 1996, através da mobilização nacional de várias organizações representativas da agricultura familiar e reforma agrária, onde a intenção era estabelecer uma reestruturação socioeconômica para estas unidades de produção. Como resultado desta luta, o programa se mantém até o momento atual, e tem alcançado um considerável número de agricultores beneficiados.

Aquino e Schneider, argumentam:

No final da década de 1980, em meio ao processo de redemocratização da sociedade brasileira, são retomadas antigas reivindicações dos movimentos sociais do campo, particularmente do sindicalismo rural, no sentido de buscar políticas e ações para compensar os efeitos nocivos da política econômica levada a cabo durante o período da ditadura militar (1964-1985). Neste contexto, após a Constituição de 1988 e o afastamento do mandato do presidente Collor de Mello, o Estado brasileiro finalmente acaba por reconhecer estas demandas e cria-se, em 1996, o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) (2015, p.55).

Os objetivos do PRONAF é facilitar os financiamentos dos projetos individuais ou coletivos dos agricultores familiares, de forma que estes possam investir na infraestrutura do manejo e manutenção da lavoura, adquirindo maquinários e implementos agrícolas e capacitação profissional

que tem diversificado e melhorado a situação social e econômica dos agricultores que buscam auxílio do programa.

Representando uma grande referência para a luta do reconhecimento agrário, a partir da implantação do programa os agricultores familiares que utilizam deste benefício, ampliaram sua capacidade de influenciar, auxiliar e melhorar o crescimento da sua propriedade, do seu município, da sua região e do nosso País.

O propósito desta política pública que busca o desenvolvimento agrário, está pautado na diversificação produtiva, na geração de oportunidades e renda no campo e como consequência o bem-estar social e a qualidade de vida para seus respectivos beneficiários.

Mas, a falta de equidade na distribuição deste benefício tem afetado algumas famílias que não são contempladas apesar dos esforços, logo nota-se a necessidade na desconcentração do PRONAF. Os autores, Aquino e Schneider (2015, p.76) destacam que “ao longo de sua trajetória de quase duas décadas, o Pronaf foi se inclinando para um certo tipo de agricultor familiar, (...) e está fortemente dedicado à produção de commodities”, que almeja somente a lucratividade e não um desenvolvimento sustentável e igualitário.

Logo, o PRONAF não tem instigado grandes mudanças na estrutura das unidades produtivas e nas respectivas atividades econômicas, que ainda reproduzem a forma tradicional de trabalho.

Portanto, em muitos aspectos, a inovação institucional promovida pela democratização do crédito do Pronaf não tem sido suficiente para lançar as bases de um novo modelo de desenvolvimento no espaço rural brasileiro, pois este instrumento está repetindo, no seio da agricultura familiar, o viés concentracionista, setorial e produtivista do padrão de desenvolvimento agrícola em voga no país (AQUINO; SCHNEIDER, 2015, p.76).

Desta maneira, a alteração no programa exigirá mudanças na forma e estrutura do método operacional e de todos seus atores envolvidos. Por isso o grande propósito dos movimentos sociais da agricultura familiar do campo brasileiro, é auxiliar na redefinição destes projetos e programas, para que o reconhecimento da agricultura familiar possa ser um agente transformador na organização desta resistente e tradicional conjuntura cultural, econômica, política e social em que ainda vivemos no Brasil.

Diante de todos os esforços para as políticas públicas e os programas governamentais assegurar a permanência dos agricultores familiares no campo, ainda se faz necessário muitas mudanças em vários quesitos, um fator importante é a valorização das safras produzidas por estes agricultores, que muitas vezes vendem estas por preços que não custeiam a mão-de-obra e os gastos

investidos.

Schneider e Conterato (2006, p.4) colocam que a oscilação dos preços agrícolas e a dependência do mercado para escoar mercadoria corroem a venda dos produtos. E a busca por atividades agrícolas e não-agrícolas complementam a renda e estabilizam os gastos.

O desenvolvimento de atividades agrícolas e não-agrícolas variam de região para região de acordo com suas particularidades, sua economia e condição social imposta. Esse dinamismo acontece principalmente em áreas próximas aos centros urbanos, pois os moradores da zona rural conseguem se deslocar facilmente e retornar para o campo no final do expediente.

Schneider e Conterato (2006, p.6) destacam que a pluriatividade acontece de forma a considerar as particularidades de cada local e que este processo não pode ser generalizado para todas áreas rurais. Como foi dito anteriormente, cada família agricultora irá agir de forma diferente, dependendo da dinâmica que está inserida.

“A pluriatividade corresponde a um processo gradual, cujo desfecho é o abandono das atividades agrícolas ou a perda relativa de sua importância para a reprodução das famílias” (Wanderley, 2003, p.52).

A pesquisadora Wanderley, argumenta sobre sua perspectiva, em relação a pluriatividade:

Do meu ponto de vista, tal desfecho não é inexorável e o processo pode ser entendido num sentido inverso: a pluriatividade seria, neste caso, uma estratégia da família, com a finalidade de diversificar suas atividades, fora do estabelecimento assegurar a reprodução deste e sua permanência como ponto de referência central e de convergência para todos os membros da família (2003, p.52).

A concepção de pluriatividade deve ultrapassar as definições do separatismo rural e urbano. E assim, respaldar os agricultores que aderirem às atividades não-agrícolas em sua reprodução atual, uma vez que esta é uma estratégia de reprodução econômica.

Wanderley e Favareto (2013, p.448) colocam que a pluriatividade é, também, uma das formas modernas de integração campo-cidade, no sentido de criar, nas cidades, espaços de absorção do trabalho em disponibilidade nas áreas rurais.

Silva (2010, p.3) define estes dois espaços (urbano e rural) a partir de uma divisão social e territorial do trabalho, como parte de uma totalidade do espaço. E este elemento, serve de parâmetro para se estudar essa totalidade.

A decisão das famílias de permanecerem no espaço rural e combinarem atividades agrícolas e não-agrícolas em sua reprodução pode acontecer por motivos de necessidade ou escolha. Uma vez que, pode surgir oportunidade de emprego no bairro em que os agricultores residem ou na opção de comercialização e beneficiamento dos produtos cultivados na própria propriedade rural.

Schneider; Conterato (2006, p.3) ressaltam que o rural deixa de ser o local específico das atividades agrícolas e que a ocupação em atividades não-agrícolas, permite que a renda de muitas famílias se estabilize, e que estas não deixem o meio rural.

Quando o termo pluriatividade é utilizado, logo o associamos à agricultura familiar. Pois, grande parte das famílias adeptas a esta forma de trabalho, já presenciou a forma tradicional de cultivar, e hoje pertence ao atual espaço agrário que passa por transformações.

Mesmo integrada ao mercado e respondendo às suas exigências, o fato de permanecer familiar não é anódino e tem como consequência o reconhecimento de que a lógica familiar, cuja origem está na tradição camponesa, não é abolida; ao contrário, ela permanece inspirando e orientando em proporções e sob formas distintas, naturalmente as novas decisões que o agricultor deve tomar nos novos contextos a que está submetido. Esse agricultor familiar, de uma certa forma, permanece camponês [...], na medida em que a família continua sendo o objetivo principal que define as estratégias de produção e de reprodução e a instância imediata de decisão (WANDERLEY, 2003, p. 48).

É de fundamental importância, considerar a importância dos pequenos agricultores para o local em que residem e a forma como eles veem se adaptando à nova dinâmica espacial rural. Com a obtenção de novas técnicas e atividades que beneficiam o complemento da renda, estes agricultores familiares encontram incentivo para continuarem a produzir e permanecer no campo.

Schneider e Conterato (2006) ressaltam que a mercantilização e a economia da agricultura familiar seguem uma individualidade nas relações de produção, esta mercantilização transforma a sociabilidade das famílias do meio rural e suas atividades desenvolvidas.

As famílias que se reconhecem como agricultores familiares, valorizam a produção de seus alimentos e sua relação com o meio onde vive. E assim, conseguem lidar com as constantes transformações do espaço rural e a falta de políticas públicas, que realmente valorize estes agricultores.

Estas estratégias de reprodução evitam o êxodo das famílias agricultoras e proporcionam recursos para estas. Um fato de grande importância que não deve ser desconsiderado, é o vínculo do agricultor com a terra, pois este é um motivo relevante para a sua resistência e permanência no campo, mesmo cercado de dificuldades e exigências para um desenvolvimento agrário impulsionado pelo agronegócio.

Pode-se compreender neste capítulo, o conceito de vários autores sobre a pluriatividade e como esta atividade é considerável para a permanência dos agricultores familiares no campo. A pluriatividade, vem se revelando como uma importante fonte de renda para as famílias que não conseguem sobreviver somente das atividades agrícolas devido à grande exploração do capitalismo que envolve o sistema agrário brasileiro, como também uma forma de resistência diante do agronegócio e sua crescente opressão sobre os pequenos agricultores.

No próximo capítulo, será apresentada a história do bairro rural Mandassaia, pré e pós implantação da Usina Hidrelétrica de Furnas, e como esta fase modificou o município de Alfenas-MG e seu entorno. Sobretudo as adaptações diante das várias transformações, que refletem na atual dinâmica da população e como estes se mantêm mesmo estando isolados da sede municipal.

3- MANDASSAIA: UMA HISTÓRIA DE TRANSFORMAÇÕES

O processo de implantação da Usina Hidrelétrica de Furnas, no Sul de Minas Gerais, aconteceu no final da década de 1950 e deu origem a um reservatório que cobre uma superfície de 1.440 Km², com uma bacia de drenagem de 54.464 Km², atingindo 34 (trinta e quatro) municípios que ali se encontram (LEMOS JUNIOR, 2010).

No município de Alfenas, as áreas da zona rural do município foram as mais atingidas e também as que vivenciaram o impacto da barragem. Estas transformações espaciais, socioambientais, econômicas e culturais reordenam o território, transferindo moradores que habitavam nestes espaços, para outras localidades e adaptando os que permaneceram a uma realidade desconhecida. Deste modo, é importante lembrar esse processo histórico, para compreendermos melhor a dinâmica e adaptação desse bairro após a inundação.

Em uma das entrevistas realizadas com os moradores antigos do bairro, perguntamos: Qual o motivo do nome Mandassaia para o bairro? E ele nos relata:

Aqui chama Mandassaia por duas histórias; a primeira parte verdadeira, é que tinha muitas abelhas mandassaia, muito pequenas, que fazem buracos nos troncos das árvores para fazer as caixinhas de mel. Então eles vieram marcando os nomes dos bairros, aí eles chegaram aqui e viram elas e colocaram o nome Mandassaia. A segunda é que eles passando fazem a ficha, que tinha uma mulher gritando para a outra, ai diz que uma estava gritando 'o comadre, manda a saia'. Mas o certo mesmo é a abelha (E1 - 67 anos).

Ao analisar as transformações ocorridas no Mandassaia, não deve ser considerada apenas a inundação de suas terras pela hidrelétrica de Furnas, mas também como ocorreu a influência da urbanização sobre este bairro.

Um dos principais impasses causados pela barragem, é o isolamento do bairro por conta da grande extensão de água que o circunda, e a alteração da principal fonte de renda que se baseava nas terras férteis de várzea, como é o caso do arroz. Como resultado desta abrupta transformação na estrutura rural do município e a perda considerável de terras férteis, várias famílias que viviam nos bairros rurais não conseguiram sobreviver sem a execução desta atividade agrícola e venderam suas propriedades.

Em outro momento da entrevista com o morador do bairro, perguntamos: Se ele recordava como as águas alcançaram as terras do Mandassaia?

Quando ela veio era clara. Podia pegar a canoa, ir até o meio e tomá-la. Agora já está poluída, não tem como mais, pegar água para beber, não (E1 - 67 anos).

Este mesmo morador, nos relatou como era realizado o deslocamento até a cidade de Alfenas, após a implantação da barragem de Furnas.

Então, é essa estrada mesmo aqui que saia, tinha o rio lá na frente, tinha a ponte. Quando inundou, não tinha balsa não. A condução era a pé, de cavalo ou se atravessava de canoa (E1 - 67 anos).

De acordo com os relatos do morador, o deslocamento para a cidade antes do represamento dos rios Grande e Sapucaí era a pé, canoa e a cavalo, infelizmente não houve uma preocupação com esta e outras populações atingidas. Após a inundação de Furnas as balsas foram disponibilizadas para os moradores dos bairros atingidos, somente seis anos depois, ressaltando que a distância total é de aproximadamente 15 km do porto Barranco Alto/Mandassaia, contando a estrada de terra e a travessia do lago até o porto Harmonia/Alfenas.

Perguntamos também ao morador, se naquela época existia uma dependência forte da cidade ou somente consumia o que era produzido nas propriedades, e ele disse:

É, por exemplo, o básico tudo tinha, plantava arroz, plantava feijão, plantava milho, produzia tudo. Nas várzeas plantava muito arroz, depois que inundou acabou. Agora é só o café (E1- 67 anos).

Segundo a narrativa do entrevistado, pode-se perceber o quão importante era a produção dos alimentos de subsistência para os moradores do bairro, e o quanto o Mandassaia foi afetado pela inundação.

Para compreender melhor todo o processo histórico do bairro rural Mandassaia, a seguir serão relatados em pequenos trechos o cotidiano de antigos moradores do bairro, eternizados pelo autor Vieira (2009), permitindo assim a idealização de como era esta região de Alfenas, em específico os arredores do bairro rural Mandassaia, antes da implantação da usina hidrelétrica de Furnas.

Em uma passagem da obra, é relatada a fazenda de José Alves, onde sua sede, mesmo roída pelos anos, é lembrada com saudosismo em uma época de prosperidade.

A enchente do ano de 1956 chegou a assustar o fazendeiro e seus filhos. Impressionado com o volume d'água no ribeirão da Mandassaia e nas Várzeas do Cabo Verde, comentou com a mulher: A inchente tá braba. Mó que o aguaceiro do Mandassaia tá inté correno pra riba! [...] O fazendeiro de olhos esverdeados, cabelos castanhos, ondulados e fartos, mãos grandes e calosas, queimado do sol, alisou o rosto de barba serrada, suspirou fundo e comentou: Esse ano vai sê de muita chuva e nós vai te de coê o arroiz de canoa ... (VIEIRA, 2009, p.25).

Neste pequeno trecho da conversa entre o Sr. José Alves e sua esposa, nota-se na fala, que as plantações de arroz eram feitas em várzeas e que no ano desta colheita estava chovendo muito e a suspeita era que, teriam de colher o arrozal de canoa. Percebe-se também, que o método de colheita utilizado pela família do agricultor era básico e manual, e que o cereal era um produto importante para a renda familiar.

Em outro momento da entrevista, uma moradora antiga do bairro conta como era retirada a casca do arroz que era produzido nas propriedades familiares do bairro, antes de consumi-lo.

Aqui colhia arroz sabe, tinha que colocar no pilão para tirar a casca. Eu soquei arroz para doze, treze companheiros direto, a noite a gente deixava as crianças irem dormir, fazíamos as obrigações do dia, que as vacas nós já buscava no córrego, pra poder socar arroz a noite (E2 - 69 anos).

Logo, pode-se compreender a real importância da produção do arroz, pois famílias inteiras eram sustentadas com o que produziam. Um fator de grande relevância, que não pode passar despercebido é a jornada do trabalho feminino, como a entrevistada relata, além das atividades domésticas realizadas durante o dia, ela cuidava dos filhos(as), buscava as vacas no córrego para conseqüentemente no amanhecer do dia tirar o leite e a noite socava o arroz no pilão para tirar a casca. Os afares desta mulher e de muitas outras não se baseavam somente nestas atividades, excedendo muitas vezes sua jornada.

Em um segundo momento no livro “Mandassaia”, dois primos conversavam sobre a instalação da usina hidrelétrica de Furnas na região.

Um deles estava inconformado com a inundação de suas várzeas pela represa e lastimou-se:

O que tem me salvado nos últimos anos é o arroz. Agora com o alagamento das minhas várzeas, o que eu vou fazer? Como sustentar a minha família sem o arrozal?

O outro passou a mão musculosa na cabeleira branca e farta, pigarreou e comentou:

Furnas é irreversível. E é uma necessidade imperiosa. O Brasil tem fome de energia elétrica. A eletrificação do país é uma das principais metas de JK (VIEIRA, 2009, p. 102-103).

Segundo o livro escrito por Vieira (2009), diante de tantos desapontamentos e revolta em relação à perda de terras para a inundação da Hidrelétrica de Furnas, os moradores de Alfenas, Campo Belo, Campo do Meio, Carmo do Rio Claro, Guapé e Pium-I entraram em uma “ação cominatória”, movida contra a Central Elétrica de Furnas e demais diretores da empresa no dia 28 de maio de 1958. Cujas intenções da ação, encaminhada ao Juízo de Direito da 1ª Vara dos Feitos da Fazenda Pública de Belo Horizonte, pretendia-se embargar a execução das obras, evitando assim as expropriações dos tais proprietários rurais. Os advogados dos municípios enviaram uma petição à Vara dos feitos com os seguintes dizeres:

Dá-se a causa, para efeitos legais, o valor de Cr\$1.000.000,00, sendo a mesma ajuizada em Belo Horizonte, de acordo com os preceitos dos artigos 201 da Constituição de 1946 e 134. Parágrafo 2º do CPC, ocorrendo também a circunstância de versar sobre o imóvel situado no Estado de Minas Gerais, e ter sede em Belo Horizonte, uma das rés e domicílio de vários réus (VIEIRA, 2009, p.145).

De acordo com Vieira (2009), mais de 35 mil pessoas seriam expulsas de suas propriedades, mais de 70 mil alqueires de terra, das melhores de Minas Gerais, seriam alagados, e mais de 30 municípios do nosso estado seriam afetados por esta irresponsabilidade.

Em novembro de 1962, a imprensa nacional não fez nenhuma cobertura sobre o represamento das águas, a inundação deixou a população em estado de confusão e choque.

O que antes era verde escuro da vegetação típica das várzeas, foi substituído pela cor azulada das águas que cobriam os rios Grande e Sapucaí. Além disso, o autor relata que “as águas corriam no sentido contrário, espantando os animais, destruindo ninhos, solapando os barrancos, amedrontando as pessoas” (VIEIRA, 2009, p.370).

As águas do reservatório só se acalmaram quando atingiram a curva de nível 765 metros, altura essa dos vertedouros a nível mínimo operatório. Era perceptível o espanto e encantamento dos moradores com a beleza paisagística das águas circundando as colinas e serras da região (VIEIRA, 2009).

Encanto este que durou pouco tempo, uma vez que as águas da hidrelétrica de Furnas inundaram para sempre as terras de inúmeras famílias que retiravam seu sustento delas, o valor sentimental das heranças que foram e seriam passadas de geração em geração, a flora e a fauna que se perderam e sequer foram recuperadas, as casas rurais que eram os únicos bens de várias famílias,

o desgosto e a morte por tristeza das pessoas que foram transferidas do bairro a qual pertenciam. Todos estes fatores e muitos outros vivenciados por inúmeras famílias, não foram considerados, poucas propriedades foram negociadas, destas poucas o valor real da propriedade era desconsiderado e muitos sequer foram ressarcidos.

Diante desse breve histórico de relatos dos moradores que vivenciaram o alagamento da usina hidrelétrica de Furnas no município de Alfenas, pode-se compreender melhor a realidade dessa população ao se desfazerem de suas terras onde estavam consolidadas uma estrutura social local, uma base de produção estável, além da própria história da população que vivia nestas terras antes da inundação.

Sendo assim, o intuito deste trabalho é compreender a nova dinâmica presente nas propriedades que permaneceram no bairro, cuja caracterização social está fortemente ligada a agricultura familiar e a combinação de atividades agrícolas e não agrícolas, por parte de algumas famílias.

Logo, pode-se afirmar que o bairro rural Mandassaia atualmente, está configurado por outras culturas, sendo a cafeicultura a principal delas, apropriando assim da utilização de novas técnicas e a utilização de insumos químicos no solo. Cujos parâmetros são ditados por cooperativas ou empresas agrícolas que pouco valorizam o trabalho e o produto destes agricultores.

Em uma análise da Leitura Técnica do Plano Diretor do município de Alfenas, utilizando os dados do IBGE, percebe-se que o cultivo do arroz, teve uma queda de aproximadamente 20% entre os anos de 1950 e 1975, dando espaço para a monocultura do café avançar na região (PREFEITURA MUNICIPAL DE ALFENAS, 2006).

Com a instalação da Usina Hidrelétrica de Furnas, aumentou consideravelmente o êxodo rural do município, pois os moradores que perderam suas terras migraram para o município de Alfenas ou para os municípios vizinhos em busca de melhores condições de trabalho e remuneração, desta forma houve a intensificação da cafeicultura e sua mecanização (PREFEITURA MUNICIPAL DE ALFENAS, 2006). A partir da década de 1960, houve o crescimento da população na zona urbana e a redução da população na zona rural do município de Alfenas (tabela 1).

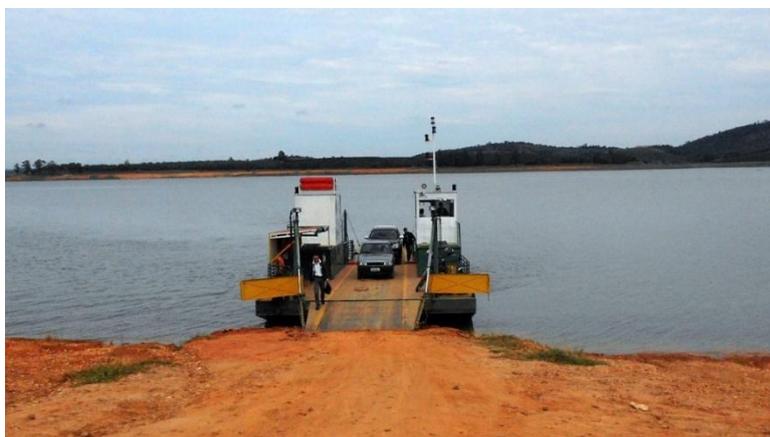
Tabela 1 - População total do Município de Alfenas entre 1950 - 1970.

População	1950	1960	1970
Urbana	9781	16674	21067
Rural	10022	9314	7264
Total	19803	25988	28331

Fonte: Censo Demográfico IBGE, 2000. (Adaptado)

Com o isolamento do bairro Mandassaia pela hidrelétrica, a população passou a ter vínculo com o município vizinho de Alterosa, devido a facilidade no acesso ao centro urbano. Pois, para os moradores chegarem à sede do município de Alfenas é necessário utilizar a balsa (figura 1), que foi instalada para suprir a rede de comunicação e transporte dessa região, tanto para a travessia de pessoas, como de cargas.

Figura 1: Balsa de travessia entre o Barranco Alto/Mandassaia e Harmonia/Alfenas



Fonte: Trabalho de Campo (maio/2015).

Como foi dito anteriormente, a distância aproximada do porto Barranco Alto/Mandassaia, contando a estrada de terra e a travessia do lago até o porto Harmonia/Alfenas é de 15 km. Considerando que a travessia é realizada a cada 30 minutos das 06h00min da manhã até às 19h00min da noite, todos os dias da semana (exceto feriados e os últimos domingos de todos os meses) e nos períodos de estiagem em que o nível da represa cai consideravelmente a balsa é suspensa de fazer as travessias, por correr o risco de ficar presa em galhos ou construções antigas.

Por conta dos horários limitados e a distância, os moradores passaram a interagir e depender muito mais do município vizinho (Alterosa), onde o acesso é mais fácil do que o deslocamento até a sede municipal.

Diante de todos estes fatores que estão diretamente relacionados a criação da Usina Hidrelétrica de Furnas, podemos compreender toda a desestruturação social na zona rural do município de Alfenas, principalmente no bairro rural Mandassaia. Contudo estas modificações

sejam elas sociais, culturais, ambientais e econômicas influenciam até o momento atual, no modo de vida dos moradores do bairro.

Segundo a entrevista de um morador antigo do bairro, na época que as águas da barragem subiram a maior perda foi em relação às terras que se plantava o arroz, nas várzeas férteis dos rios Grande e Sapucaí. Com a perda da produção de subsistência e sem as vendas dos excedentes, alguns moradores investiram na cultura do café (figura 2), apesar de ter sido uma tentativa arriscada devido à falta de orientação e prática para o manejo da lavoura. Deixando assim poucas áreas para o cultivo de produtos para subsistência, como o milho, feijão, arroz entre outros.

Figura 2: Propriedade com plantação de café no bairro rural Mandassaia.



Fonte: Trabalho de Campo (maio/2015).

Uma moradora mencionou durante sua entrevista, o receio dos agricultores em investir em outras culturas e terem perdas significativas.

“O pessoal tinha medo de investir em outras culturas e terem perdas, pois o terreno é levemente inclinado, mas o retorno foi positivo. Com o café na região, aumentou a oferta de empregos para os moradores do bairro” (E2 - 69 anos).

Como o retorno do café foi positivo, vários moradores investiram na cultura obtendo lucro na venda do produto. Passando assim a adquirirem alimentos na cidade, pois não produziam mais em suas propriedades. Desde então, a cafeicultura tornou-se uma das principais fontes de renda agrícolas no bairro Mandassaia, trazendo consigo uma nova forma de produzir para os moradores.

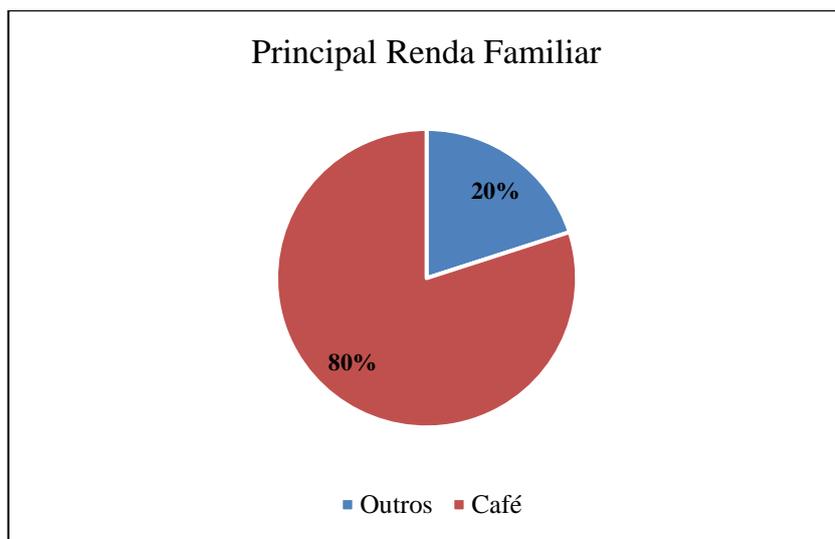
Durante a aplicação dos questionários e as entrevistas coletadas com os moradores do bairro, não é perceptível nenhum tipo ressentimento em relação às águas da Hidrelétrica de Furnas, apesar das dificuldades que o bairro enfrentou no passado e os desafios dos dias atuais, muitos acreditam que desde então este melhorou significativamente.

Possivelmente, este progresso é em deferência à cafeicultura que tem concedido lucros relevantes na medida do possível para seus investidores, por se tratar de uma *commoditie* que possui destino garantido, apesar da oscilação de preço que preocupa os produtores. Esta atividade tem sido determinante para a renda e permanência dos agricultores familiares do bairro Mandassaia.

A monocultura do café ganhou espaço e se tornou nos dias de hoje uma importante fonte de renda para os moradores do bairro, desde a implantação da Hidrelétrica (gráfico 1).

Mas, é importante ressaltar que as dificuldades que os agricultores familiares enfrentam ao se vincularem ao agronegócio, se principia desde o custeio de insumos e fertilizantes para a lavoura, a utilização de maquinários e o alto custo na colheita e beneficiamento do café. Muitas vezes, estes altos custos se sobressaem ao ganho com a venda das sacas de café, esta é uma queixa que a maioria dos entrevistados ressaltava. No entanto, existem algumas famílias que possuem fonte de renda por outras atividades, tais como o serviço terceirizado de trator, a pesca e a criação de gado extensivo.

Gráfico 1 - Atividade mais importante para a renda das famílias entrevistadas.



Fonte: Entrevistas (2015)
Elaboração: Autora

Como pode-se verificar no gráfico, que a produção de café é expressiva e muito importante para a permanência dos agricultores no bairro, apesar das dificuldades que os agricultores familiares enfrentam no processo de venda do produto final. O termo outros que aparece no gráfico, estão vinculados às atividades agrícolas e não-agrícolas e a aposentadoria, contribuindo no complemento da renda.

Na década de 1990, com o intuito de minimizar os problemas dos agricultores familiares do bairro, foi criada a Associação de Produtores Rurais de Mandassaia (figura 3), que tem por objetivo colaborar com a produção de café dos moradores que precisarem de maquinários para a manutenção da lavoura ou para o beneficiamento do café. Para administrar a associação é eleito um presidente, cuja função é defender os interesses do bairro em relação à segurança, saúde, educação, transporte, emprego, questões ambientais etc. Com estas finalidades as famílias agricultoras tendem a aumentar sua produção, sentem-se assistidas no bairro e permanecem neste.

Em uma entrevista com o presidente da associação, ele nos relatou mais sobre sua função dentro da associação dos produtores de Mandassaia.

“Então, aqui na associação nós temos 40 (quarenta) associados. E aqui se presta serviço de maquinário para o manejo do café, como o uso do trator, e da máquina de beneficiar o café” (E3 - 45 anos).

Figura 3 - Sede da Associação de Produtores Rurais de Mandassaia.



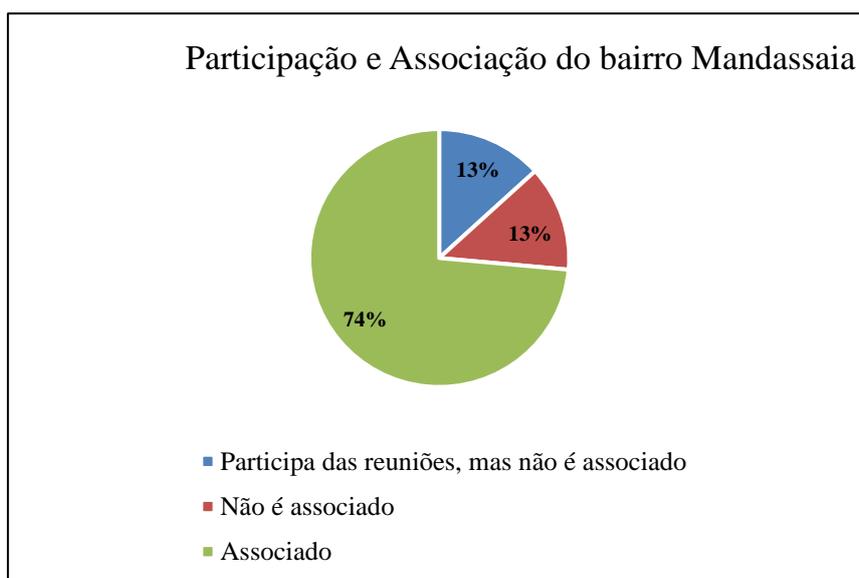
Fonte: Trabalho de Campo (junho/2015).

O presidente da associação dos produtores de Mandassaia, nos informou também que o bairro conta com uma agente de saúde residente no local, o que facilita o contato com os moradores e a partir destas visitas é realizado o agendamento de consultas e exames médicos, pois a cada trinta dias o bairro recebe a visita de dois médicos do município para atender os pacientes agendados, além de terem acesso a dentista pelo odontomóvel. É importante ressaltar que esta associação não

possui vínculo com a prefeitura Municipal de Alfenas, por isso é necessário a constante insistência do presidente para conseguir melhorias para este bairro rural.

“Eu como presidente também vou atrás de médico, atrás de melhorias nas estradas. Esses dias mesmo eu estava lá na prefeitura cobrando para raspar a estrada, vieram hoje, já estão raspando. Então, o presidente da associação além de ser presidente tem que correr atrás de muitas coisas, para a escola, são muitas coisas que o presidente faz” (E3 - 45 anos).

Gráfico 2 - Associação e participação dos produtores junto à Associação do Bairro.



Fonte: Entrevistas (2015)
Elaboração: Autora.

A participação dos moradores do bairro junto a associação é expressiva, pois muitos produtores estão ativos. Segundo o presidente entrevistado, é cobrada uma taxa de 60% do valor de mercado e 60% para manutenção e combustível das máquinas. Pois estes maquinários são compartilhados entre os associados para prestação de serviços, além de se reunirem para realizar mutirões em época de safra, para diminuir gastos com mão-de-obra.

Ao lado da associação do bairro fica a Escola Municipal Arlindo Silveira que possui o ensino fundamental I, sendo frequentada por crianças com faixa etária de cinco até dez anos. Fato que facilitou o acesso à educação por parte dos filhos dos moradores que antes se deslocavam para estudar no distrito de Barranco Alto, que se localiza a uma distância de 20 km em estrada de terra ou para a sede do município (figura 4).

Figura 4 - Escola Municipal Arlindo Silveira no bairro rural Mandassaia



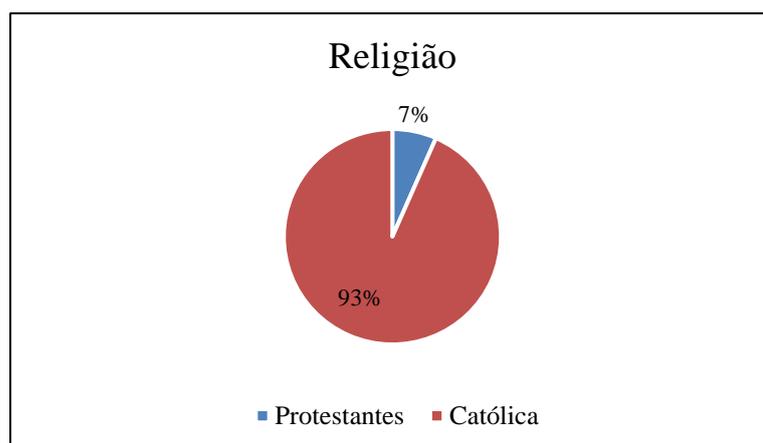
Fonte: Trabalho de Campo (2015).

A escola conta com cinco funcionárias, sendo apenas duas moradoras do bairro, as outras residem no município vizinho de Alterosa. Já os jovens estudantes do bairro se deslocam todos os dias com o transporte escolar para estudarem no município de Alfenas. E a partir do momento que concluem o Ensino Médio, alguns destes jovens permanecem no município para trabalhar. Pois não existem grandes oportunidades de emprego no Mandassaia por conta do isolamento, além das atividades exercidas no bairro serem praticamente todas voltadas para o setor agrícola.

O bairro possui forte religiosidade (gráfico 3) e este é um fato marcante para as festividades, o que confirma a teoria de autores já mencionados. Até então, o bairro não possuía uma padroeira justamente por não possuir uma capela local. Mas o presidente da associação nos informou na sua entrevista que junto com os moradores estava sendo organizada uma festa julina com o intuito de arrecadar verba para construir a capela, em um imóvel, ao lado da associação que anteriormente se armazenava os maquinários.

“Aqui até tem outra religião, mas 90% é católico, ainda não tem igreja, mas tem missa aqui no galpão da associação” (E4 - 45 anos).

Gráfico 3 - Religião das famílias entrevistadas.

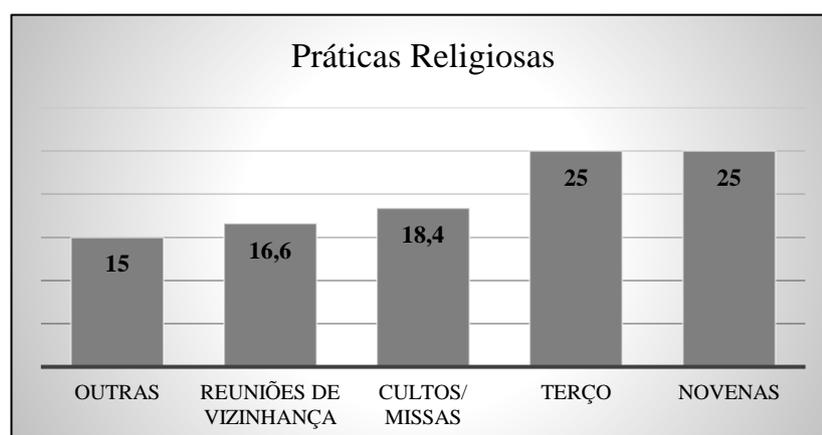


Fonte: Entrevistas (2015)
Elaboração: Autora.

A religião católica é predominante no bairro Mandassaia, poucas famílias são de outra religião, por isso a população que é da religião católica decidiu construir uma capela em homenagem à padroeira Nossa Senhora Aparecida, onde almeja-se a celebração de missa uma vez ao mês, embora o relato de algumas moradoras tenha sido considerado de dificuldade em relação ao deslocamento dos padres de Alfenas para o bairro.

Antes mesmo da construção da capela, os moradores já exerciam práticas religiosas como as celebrações, novenas, reuniões de vizinhança, terços, entre outros como forte expressão de fé (gráfico 4).

Gráfico 4 - Práticas religiosas das famílias entrevistadas.

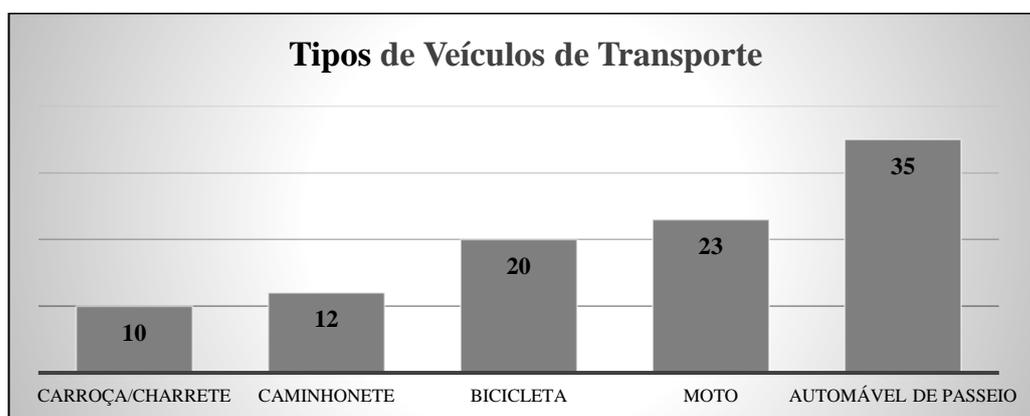


Fonte: Entrevistas (2015)
Elaboração: Autora.

Estas práticas confirmam a importância da religião para os moradores católicos do bairro. As novenas e os terços possuem grande participação, podendo considerar estes moradores praticantes da fé, pois muitos destes agradecem pelo bom ano de safra e colheita, pelos anos de fartura nos alimentos e o retorno das chuvas, pois a represa de Furnas abaixou seu nível em época de estiagem.

No passado, antes da barragem de Furnas causar o isolamento do bairro, o transporte era realizado pelos moradores através dos carros de boi, cavalos e carroças, embora estes meios de transporte estejam presentes em algumas propriedades, estes vêm sendo substituídos por automóveis e motocicletas (gráfico 5).

Gráfico 5 - Tipos de veículos das famílias entrevistadas.



Fonte: Entrevistas (2015)
Elaboração: Autora.

Devido a substituição de outros meios de transportes já mencionados, para a posse de automóveis e motocicletas, os moradores se deslocam com maior facilidade para a sede municipal ou para o município vizinho por conta do tipo de necessidade que exige demasiada urgência, para o lazer, práticas religiosas e por outros motivos.

A alternativa que o município de Alfenas disponibilizou para os moradores, foi um ônibus oferecido por uma empresa particular, que liga o distrito de Barranco Alto ao bairro rural Mandassaia até a sede do município, apenas duas vezes por semana, nas segundas e nas sextas-feiras, para os moradores que não possuem veículo próprio e necessitam realizar o deslocamento.

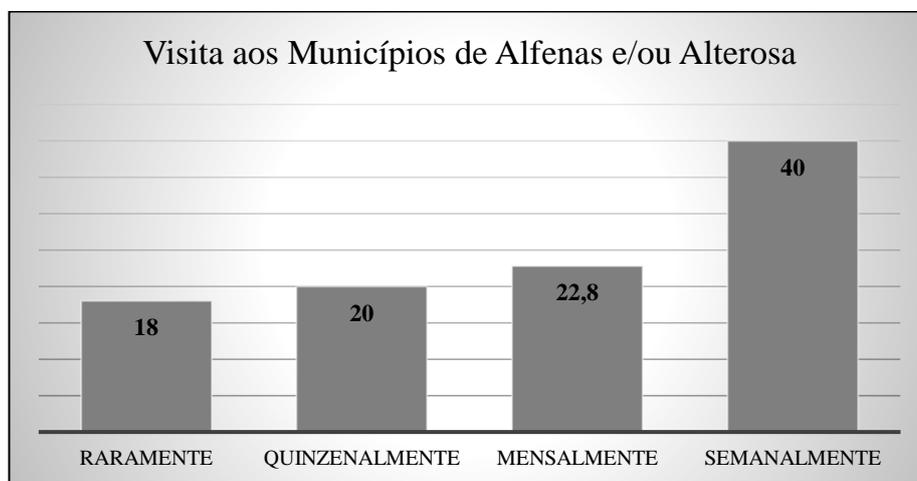
Como as visitas aos municípios são regulares e o poder público de Alfenas disponibiliza apenas um ônibus duas vezes por semana, é comum os moradores utilizarem o transporte escolar da prefeitura, que leva estudantes para a área urbana, de segunda a sexta-feira, no período da manhã.

Na maioria dos casos os moradores que utilizam esse transporte, possuem consultas médicas ou exames agendados na Santa Casa de Caridade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro ou no Hospital Universitário Alzira Velano, onde ambos oferecem o serviço do SUS (Sistema Único de Saúde). É importante ressaltar, que o ônibus escolar busca os estudantes dependendo da localização da propriedade às 05h00min da manhã, retorna à escola do bairro onde outros estudantes estão esperando e saem do Mandassaia às 06h00min, retornando somente às 13h00min da tarde.

Durante as entrevistas algumas famílias afirmaram que o veículo particular é frequentemente utilizado para ir à cidade, uma vez que esse deslocamento é realizado semanalmente, dependendo do tipo de serviço que os moradores buscam (gráfico 6).

Em uma entrevista com uma moradora, ela relata que sente insegurança em utilizar a balsa, por isso prefere se deslocar em seu automóvel até Alterosa para fazer as compras do mês. E citou como exemplo, o dia que precisou comprar um volume de arame farpado para utilizar na propriedade, mas como estava de carona no transporte escolar não pode efetuar a compra, uma vez que o produto é pesado e de difícil deslocamento.

Gráfico 6 - Frequência das visitas no município de Alfenas e/ou Alterosa.

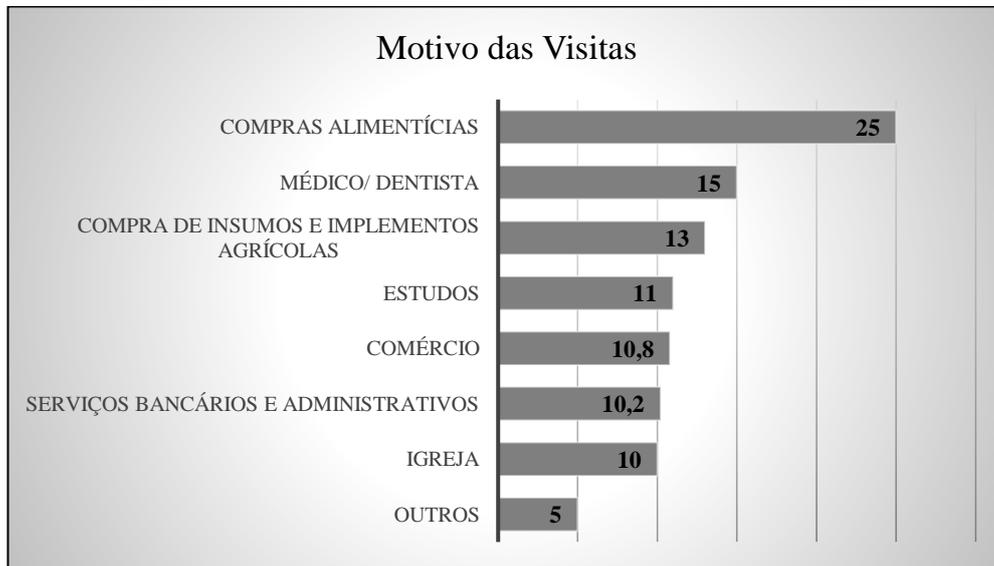


Fonte: Entrevistas (2015)

Elaboração: Autora.

O período de deslocamento para Alfenas ou Alterosa com maior destaque no gráfico é o semanal, em segundo lugar o mensalmente, devido à distância de ambas cidades alguns moradores fazem o deslocamento somente em casos de necessidade, já os motivos que levam os moradores a procurarem as sedes municipais será apresentado no (gráfico 7).

Gráfico 7 - Motivo das visitas aos municípios de Alfenas e/ou Alterosa.

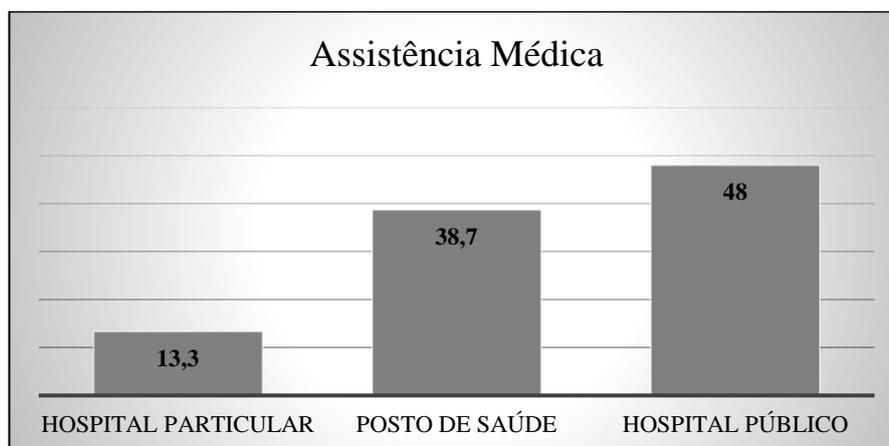


Fonte: Entrevistas (2015)
Elaboração: Autora.

Um dos motivos das visitas as cidades que sobressai em relação às outras necessidades são as compras alimentícias, pois não há produção de alimentos para subsistência. Em seguida o atendimento médico, odontológico e utilização de serviços bancários/administrativos, tais funções mesmo que algumas destas sejam ofertadas no bairro (como serviço médico e odontológico) alguns moradores necessitam de um acompanhamento mais específico e detalhado. Já o motivo da visita à cidade para a compra de insumos e sementes para o cultivo do campo acontece em período de preparo da terra para o plantio e em relação aos estudos a demanda é semanal, pois os estudantes se deslocam todos os dias da semana para irem à escola. Os moradores do Mandassaia relataram que optam em irem para Alterosa, pois não possui a barreira física, o que facilita também o consumo de produtos comerciais, apesar de serem mais caros e não possuírem uma variedade como o comércio de Alfenas.

A maioria dos moradores do Mandassaia buscam atendimento nos hospitais públicos de Alfenas, nos postos de saúde, inclusive já foi citado a visita de dois médicos na associação mensalmente. Mas, quando não há urgência no atendimento, alguns moradores preferem esperar as consultas médicas ou odontológicas agendadas na cidade de Alfenas.

Gráfico 8 - Assistência médica em caso de necessidade.



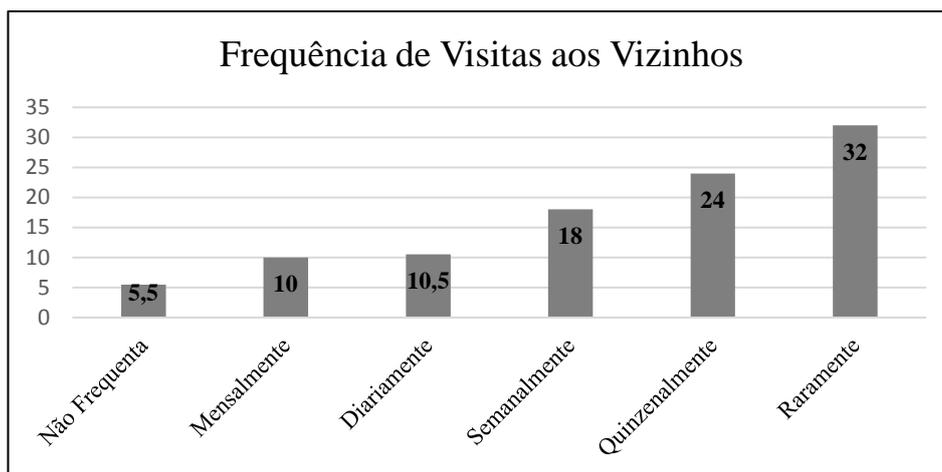
Fonte: Entrevistas (2015)
Elaboração: Autora.

O hospital público possui uma demanda maior em atendimentos desta população, isso se deve pelo atendimento pelo SUS (Sistema Único de Saúde) que ampara as pessoas por intermédio de proteção e recuperação da saúde. Os postos de saúde auxiliam no acompanhamento e promoção de atividades preventivas e os hospitais particulares são procurados em casos de urgência, como casos graves de saúde ou acidentes.

Em casos de saúde ou pequenos acidentes, os moradores preferem se deslocar até o centro urbano de Alterosa, cuja distância é de aproximadamente 12 km via estrada de terra, pois o tempo de travessia na balsa até chegar em Alfenas pode ser demorado. É importante destacar que quando algum morador do bairro Mandassaia vem a óbito, o velório e sepultamento é realizado no cemitério municipal de Alterosa, mesmo quando se tem família residente em Alfenas, pois o deslocamento deve ser realizado pela rodovia BR-491 Alterosa/Alfenas (MG) o que aumento o custo, por isso são raros os casos em que algum morador do bairro Mandassaia seja enterrado no cemitério de Alfenas.

O bairro Mandassaia é composto por várias propriedades de uma mesma família, com vários níveis de parentesco. No início deste capítulo, mesmo antes de Furnas o bairro era caracterizado pelos fortes laços familiares, e após a implantação da usina e com as transformações ao longo dos anos, a relação de aproximação da vizinhança se mantém demasiada, não com a originalidade de antes, mas ainda sim permanecem unidos (gráfico 9).

Gráfico 9 - Frequência das famílias entrevistadas em visitas aos vizinhos.



Fonte: Entrevistas (2015)
Elaboração: Autora.

Como algumas famílias possuem parentesco ou laços afetivos com alguns vizinhos, são realizadas visitas rotineiras, mesmo ganhando destaque no gráfico as famílias que raramente fazem visitas, seguem de perto as visitas quinzenais e as semanais, pois algumas visitas acontecem por motivos de doença ou morte de algum familiar e assim as conversas informais são deixadas para encontros corriqueiros.

Gráfico 10 - Motivo das visitas aos vizinhos.



Fonte: Entrevistas (2015)
Elaboração: Autora.

Como pode-se observar no gráfico, as visitas mais frequentes estão ligadas aos laços de parentesco, em segundo lugar o motivo das visitas é por doenças/morte e os laços afetivos. É fato que essas modificações no cotidiano do campo são perceptíveis, não somente no bairro rural Mandassaia, uma vez que as ocupações diárias, a extensa jornada de trabalho e o cansaço acomodam

as populações sejam dos pequenos bairros rurais como também nos centros urbanos. Com o crescente uso da tecnologia, o curto espaço de tempo que as pessoas possuem para dialogar e interagir é absorvido em questão de minutos por conversas rápidas efetuadas via aparelho celular, o que contribui na redução de visitas presenciais.

Em uma das entrevistas, o filho de uma moradora do Mandassaia atribui essa baixa frequência de visitas ao surgimento da televisão e outras tecnologias associadas na sua residência e nas dos vizinhos. Pois era comum os antigos moradores se reunirem e frequentarem as casas dos vizinhos, sejam por motivos religiosos como terços (em louvor aos santos juninos, comemoração a algum (a) santo (a) de devoção), visitas as mulheres que estão de repouso pós-parto, cirurgias/doenças, festejos de casamento entre outros motivos.

Em uma entrevista com uma moradora perguntamos como eram as festividades do bairro antigamente e ela relatou como eram os festejos.

“As festas eram embaladas com um cantor, um violão e uma viola. Tinha fogueiras e muita fartura de alimentos e doces tradicionais das épocas dos Santos juninos. Aqui em casa rezamos o terço durante trinta anos e erguíamos as bandeiras dos santos, mas hoje paramos. Algumas casas ainda rezam os terços, mas a tradição caiu bastante. Não é mais como antes” (E2 - 69 anos).

Este capítulo foi marcado pela história do bairro rural Mandassaia, submetido ao jogo de interesses dos representantes de Furnas e do estado, forte resistência por parte dos moradores no qual não venceram e vivenciaram as transformações da implantação da Usina Hidrelétrica de Furnas. A perda considerável de terras e a troca da principal fonte de renda advinda das plantações de arroz, para a atual fonte de renda a monocultura do café, dentre as demais mudanças como a barreira física que impede o livre acesso a sede do município, são fatores que impedem o crescimento e melhores condições de vida para os moradores do bairro.

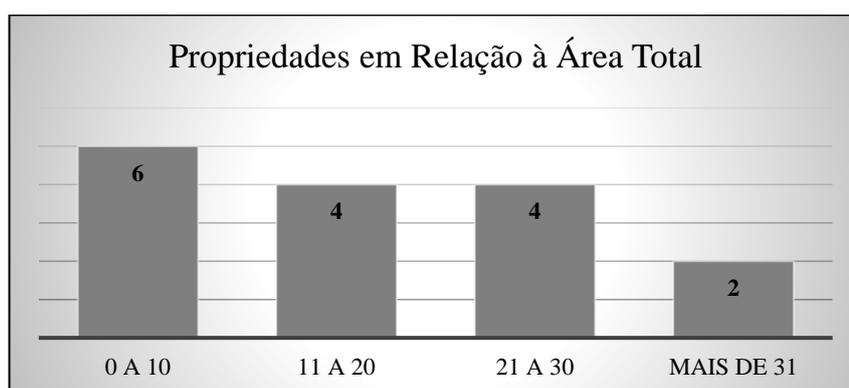
O próximo capítulo possui destaque na caracterização socioeconômica das famílias entrevistadas, para compreender a economia do bairro rural e como este se desenvolve a partir das lavouras de café.

3.1 CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA DAS UNIDADES DE PRODUÇÃO FAMILIAR

A agricultura familiar está fortemente estabelecida no bairro rural Mandassaia, através dos laços familiares e nas atividades que estabilizam economicamente as respectivas famílias. Com as transformações no campo, o agricultor familiar tem se mantido em um perfil estável, cuja finalidade é evitar grandes perdas econômicas e se adaptar ao novo dinamismo no qual o setor agrário está inserido.

Através do tamanho e da organização das terras pode-se compreender melhor as condições de vida das famílias agricultoras entrevistadas.

Gráfico 11 - Número de propriedades divididas em intervalos de 10 unidades de hectares em relação à área total (em números absolutos).



Fonte: Entrevistas (2015)
Elaboração: Autora.

De acordo com a estrutura fundiária das propriedades entrevistadas no bairro rural Mandassaia, apenas duas foram identificadas com um maior destaque na extensão de terras, uma com 58 hectares e outra com 96,8 hectares. Confirmando assim, que há o predomínio de propriedades com menos de 30 hectares de terra, se encaixando na definição de agricultores familiares.

Desta forma, pode-se confirmar que o bairro Mandassaia se encaixa no padrão dos estabelecimentos agropecuários do município de Alfenas (tabela 2).

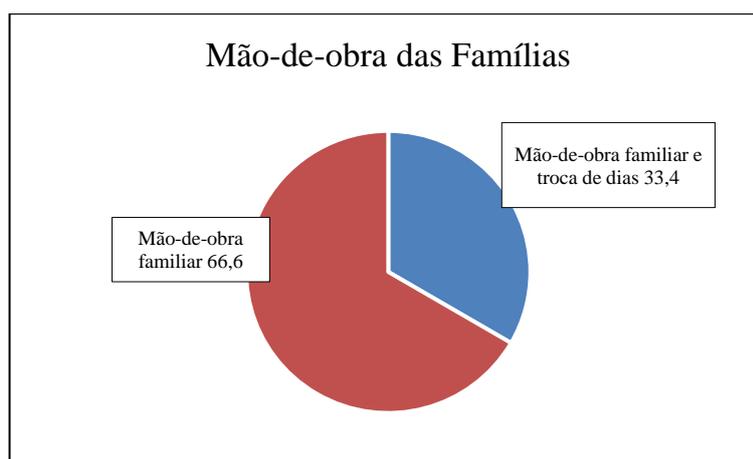
Tabela 2 - Número e área dos estabelecimentos agropecuários de Alfenas por grupos de área total em 2006.

Grupo de área total	Número de unidades	Percentual	Área (ha)	Percentual
Menos de 10	506	46,13%	1.873	33,02%
10 a menos de 100	464	42,30%	16.591	42,21%
100 a menos de 1000	100	9,12%	21.208	21,04%
1000 e mais	7	0,64%	10.570	3,73%
Produtor sem área	20	1,82%	0	0%

Fonte: Censo Agropecuário do IBGE, 2006.

Como pode-se observar na tabela, as propriedades rurais abaixo de 100 hectares são predominantes no município de Alfenas, sejam em termos de número de unidades, quanto em área.

Gráfico 12 - Condição do trabalho exercido nas propriedades visitadas, em termos de mão-de-obra.



Fonte: Entrevistas (2015)
Elaboração: Autora.

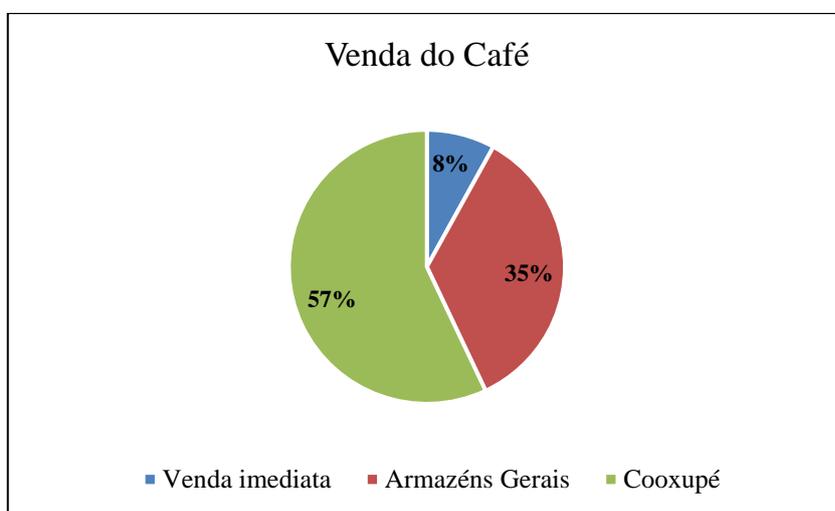
Os membros que exercem a mão-de-obra familiar em atividades agrícolas exclusivamente dentro de suas propriedades possuem grande destaque no gráfico, já os produtores que mesclam a mão-de-obra na safra do café em troca de dias de serviço com os vizinhos ou são contratados, começa a ter uma representatividade, principalmente quando a idade do produtor vai avançando e o número de filhos é reduzido, o que desfalca a mão-de-obra, por isso é necessário ajuda.

Como já mencionado, o perfil do agricultor familiar se afirma na estabilidade financeira e na redução dos custos e mão-de-obra na lavoura, o intuito dos membros familiares em trocarem dias ou utilizarem o método do mutirão principalmente em épocas de safra é justamente para reduzir o

tempo gasto com a colheita, desta forma uma família coopera com a outra, e assim economiza gastos com contratações. Como pode-se ver no gráfico anterior, alguns membros das famílias de agricultores se disponibilizam a serem contratados, pois estas atividades complementam a renda familiar.

Como a economia do Mandassaia está fortemente ligada à cafeicultura, os produtores são cooperados da COOXUPÉ (Cooperativa Regional de Cafeicultores de Guaxupé Ltda.), onde a maior parte da produção é estocada e vendida na mesma, exceto em casos de safras menores e de baixa produção o café é encaminhado e vendido para o Armazéns Gerais no município de Alterosa (gráfico 13).

Gráfico 13 - Forma de venda do café produzido no Mandassaia.



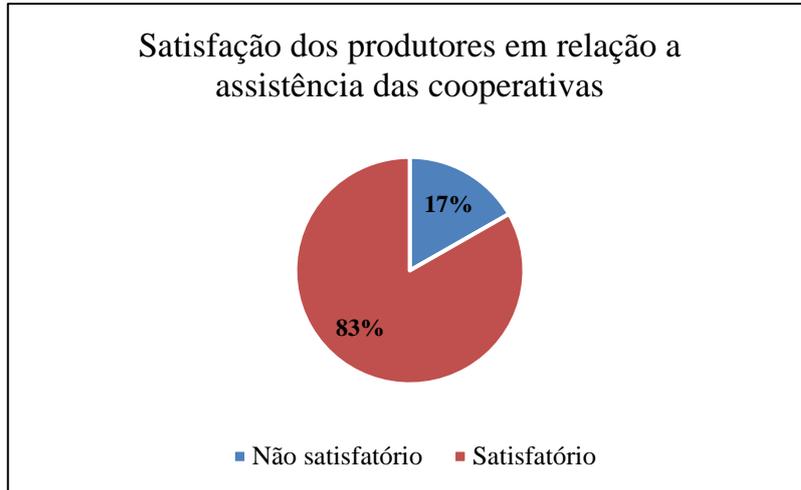
Fonte: Entrevistas (2015)
Elaboração: Autora.

Como pode-se conferir no gráfico, grande parte das famílias entrevistadas vendem as sacas de café para a Cooxupé onde muitos destes agricultores são cooperados, a sede da cooperativa fica no município de Guaxupé e filiais em Alfenas e Carmo do Rio Claro. Já alguns moradores, vendem o café produzido para o Armazéns Gerais, situado nos municípios de Monte Belo e Alterosa, justamente pela proximidade e a compatibilidade de preço nas sacas. Poucos produtores vendem seu café para outras empresas de porte menor ou para atravessadores, exceto quando é vendida a “escolha” do café (café de qualidade inferior, utilizado para composição de ligas e que geralmente não é exportado).

É importante ressaltar que tanto a Cooxupé, quanto o Armazéns Gerais carecem da produção de café cultivados nas lavouras dos agricultores do Mandassaia e da região, pois estes asseguram o

escoamento da safra, mesmo que estas empresas não valorizem o produto. Ou seja, os agricultores familiares estão em uma rede que favorece apenas os grandes produtores e utilizam a produção dos pequenos agricultores para o estoque de café em época de safra.

Gráfico 14 - Satisfação dos produtores cooperados quanto à assistência técnica e/ou financeira da cooperativa.



Fonte: Entrevistas (2015)
Elaboração: Autora.

Em entrevista com um morador e produtor de café do bairro, ele relata que é sócio de um outro proprietário que se tornou cooperado e desta forma ambas produções são enviadas para a Cooxupé. Apesar de não valorizar o preço do café (cuja queixa é de todos moradores/produtores de café do bairro entrevistados) os agricultores cooperados asseguram estarem satisfeitos com a assistência técnica e financeira da cooperativa, o que demonstra a falta de diálogo e incompatibilidade entre a cooperativa e o cooperado.

Nas visitas de trabalho de campo é nítida a presença dos terreiros de cimento em várias propriedades do bairro Mandassaia, cuja finalidade é o auxílio no processo de secagem da fruta do café (figura 5).

Figura 5 - Terreiros para secagem do café colhido no bairro rural Mandassaia.



Fonte: Trabalho de campo (outubro/2015).

Como a cafeicultura determina a estrutura espacial das propriedades rurais do Mandassaia, um elemento essencial é o terreiro cimentado para a secagem do café em época de safra, associado ao uso dos secadores (figura 6), que auxiliam na secagem dos grãos de café com mais rapidez e socorrem os produtores em tempos de muita chuva durante a colheita, pois o café não pode molhar durante o processo de secagem.

Figura 6 - Galpão utilizado para armazenar o secador de café em uma propriedade do bairro rural Mandassaia.



Fonte: Trabalho de campo (2015).

Com as transformações na agricultura advindas da Revolução Verde, o intuito de obter maior produtividade com a utilização de insumos, fertilizantes e a mecanização do campo, alterou profundamente a estrutura agrária além de degradar a natureza, pois os agricultores não conseguem acompanhar a modernização e exigências ao mesmo tempo competirem com os grandes proprietários no escoamento do café, com isso sem uma orientação que vise a educação ambiental, econômica e administrativa, os produtores seguem de forma muitas vezes independente no manejo da lavoura, contribuindo com ações nocivas para a saúde humana, como o uso de agrotóxicos e para

a natureza, com a perda do solo e crescente desmatamento para ampliar as áreas produtivas, o que gera um grande impacto.

Com a mecanização no campo, a mão-de-obra dos trabalhadores vem sendo eliminada consideravelmente, além dos próprios aderirem aos maquinários para diminuir custos no manejo do café, como pode-se ver na tabela 3.

Tabela 3 - Maquinários e implementos agrícolas existentes nas propriedades entrevistadas (em números absolutos).

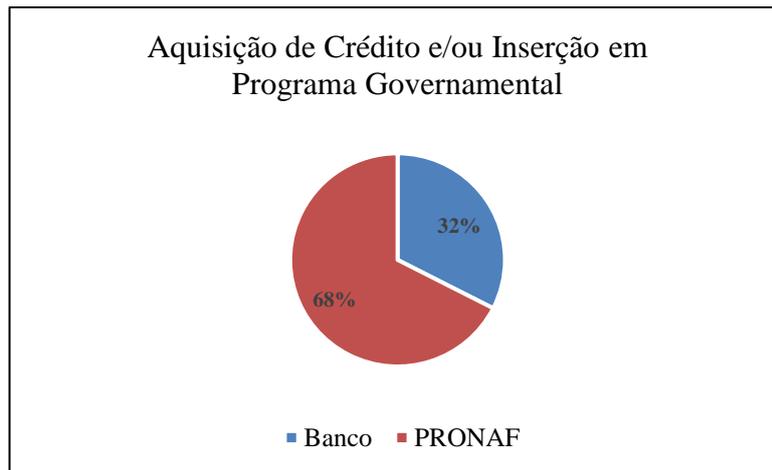
Maquinários e implementos agrícolas	Nº de famílias que possuem	Situação
Tratores	8	7 próprios/1 emprestado
Caminhões	2	Todos são próprios
Roçadeiras	9	Todos são próprios
<u>Adubadeiras e/ou distribuidora de calcário</u>	6	Todos são próprios
Grades e/ou enxadas rotativas	6	Todos são próprios
Pulverizadores e/ou atomizadores	10	Todos são próprios
<u>Derricadeira manual motorizada</u>	9	Todos são próprios
Abanadora mecânica	1	Todos são próprios
Lavador-separador mecânico	1	Todos são próprios
Secador de café	4	Todos são próprios
Beneficiadora de café	2	Todos são próprios
Picadeira	1	Todos são próprios

Fonte: Entrevistas (2015)
Elaboração: Autora.

De acordo com os dados da tabela, todas famílias entrevistadas no bairro rural Mandassaia possuem pelo menos um maquinário ou implemento agrícola, o motivo relatado da mecanização é justamente no auxílio da preparação do solo para a plantação, manutenção da lavoura, plantio e colheita, o que reduz gastos e tempo, principalmente com mão-de-obra contratada.

As famílias entrevistadas relataram a utilização de créditos ou inserção em programa governamental para auxiliar nos investimentos da produção agrícola, na compra de automóveis para locomoção pessoal ou transporte de produtos e para gastos com insumos e fertilizantes para a lavoura.

Gráfico 15 - Aquisição de Crédito e/ou Inserção em Programa Governamental, famílias entrevistadas.

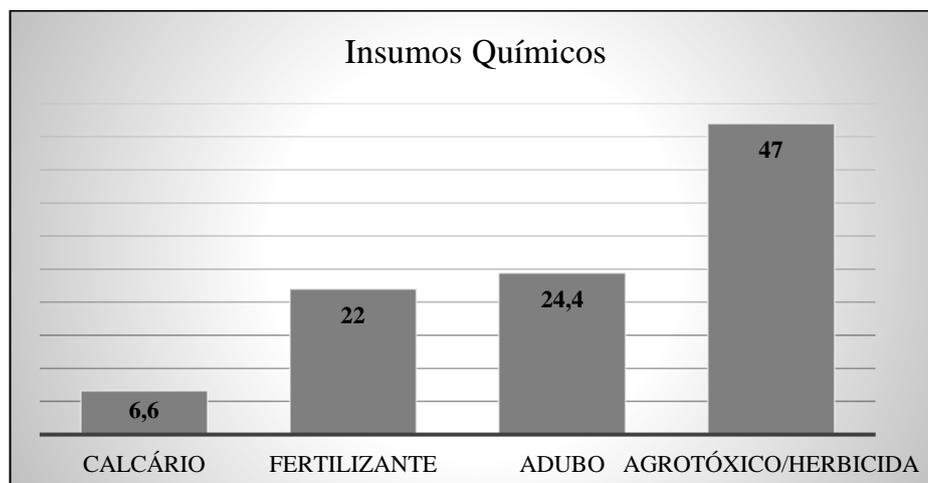


Fonte: Entrevistas (2015)
Elaboração: Autora.

De acordo com os produtores rurais que fazem parte do programa governamental PRONAF, estes confirmam que são satisfatórios os benefícios justamente pelo baixo preço dos juros e pela boa condição de pagamento, já os agricultores que adquirem crédito particular, relataram ser para investimento e aplicação na lavoura como foi visto anteriormente, na cimentação de terreiros, maquinários que secam e limpam o café e implementos agrícolas.

No interior das unidades agrícolas do bairro Mandassaia as técnicas de cultivo da terra, principalmente na lavoura de café, contam com a utilização dos agrotóxicos/herbicidas e adubos/fertilizantes para garantir uma boa safra de acordo com os produtores e suas orientações (gráfico 16).

Gráfico 16 - Tipos de insumos químicos utilizados nas propriedades rurais entrevistadas.



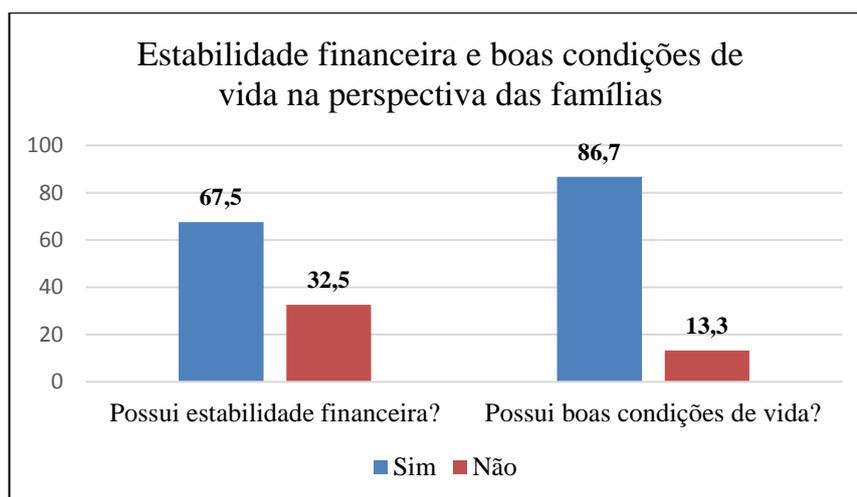
Fonte: Entrevistas (2015)

Elaboração: Autora.

Um dos motivos que os agricultores afirmaram a utilização de agrotóxicos/herbicidas, adubo, fertilizante e calcário em suas respectivas lavouras de café, é a busca por uma boa qualidade, ganho no volume de produção e com isso obter um excelente preço na saca de 60 kg de café. O incentivo destes agrotóxicos na lavoura parte das próprias cooperativas, conforme já mencionado, o café faz parte do agronegócio onde o regulamento é definido pelas agroindústrias fornecedoras destes produtos para as cooperativas. O que preocupa é a situação degradante do excesso destes produtos no solo, contaminação das águas e animais, assim como a saúde humana.

De acordo com o gráfico 17, as famílias entrevistadas afirmaram possuir estabilidade financeira e ter boas condições de vida.

Gráfico 17 - Estabilidade financeira¹ por meio da produção agrícola e boas condições de vida na perspectiva das famílias entrevistadas.



Fonte: Entrevistas (2015)
Elaboração: Autora.

Segundo as famílias entrevistadas, grande parte afirmara possuírem estabilidade financeira, mas estes ressaltam que esta estabilidade poderia melhorar se eles tivessem um respaldo do governo em ano de menor safra ou prejuízos naturais ocorridos nas lavouras. Apesar dos desafios de produzir, as famílias entrevistadas afirmaram possuir boas condições de vida, uma vez que o

¹ Estabilidade financeira refere-se à renda obtida na lavoura, se o produtor consegue pagar as despesas da produção e ainda manter as necessidades básicas da família.

equilíbrio na renda obtida no café é proporcional para suprir as despesas e manter as necessidades básicas das famílias, em várias entrevistas foram mencionados pelos moradores a boa qualidade de vida no campo, já que na zona rural é mais fácil adquirir bons hábitos do que na cidade.

Sendo o bairro rural Mandassaia ocupado por propriedades rurais com menos de 30 hectares, é importante ressaltar a existência de médias e uma grande propriedade no bairro. A existência destas fazendas marca nitidamente o espaço onde se encontram, devido às extensas plantações de café niveladas de acordo com a curva de nível, geralmente em terras planas e por utilizarem maquinários especializados para o manejo e colheita da fruta do café.

São elas a Fazenda Icaraí, filiada ao grupo empresarial Itapuã, que possui também a Fazenda Iara no município de Alfenas e mais 3 propriedades em outros municípios do Sul de Minas, totalizando 1.350 hectares, contendo 6 milhões de pés de café em produção, cujo destino pertence aos mercados dos Estados Unidos da América e a Europa. Apesar desta empresa rural ser uma alternativa de emprego para os moradores do bairro Mandassaia, em entrevista concedida a Libânio; Calderaro; Vale, (2011, p.159), o administrador da Fazenda Itapuã reconhece que:

[...] no passado, o Grupo Itapuã investia em terras, para assim aumentar a produção, mas hoje o grupo tem uma nova postura, isto é, investe intensivamente em tecnologia, com o intuito de diminuir o custo de produção, diminuindo a mão de obra e aumentar a produtividade, tornando-se assim competitivo. Isso é um fator incondicional exigido para quem deseja adentrar cada vez mais ao agronegócio. Sendo assim, atualmente 80% do cafezal da fazenda são irrigados, sendo 40% por gotejamento (a técnica mais moderna de irrigação) e 40% com pivôs, além de investir cada vez mais na mecanização da produção, substituindo o trabalhador por colheitadeiras e outras máquinas.

Com isso, não resta dúvida que o propósito da Fazenda é diminuir cada vez mais as ofertas de empregos aos moradores do bairro, uma vez que esta proposta ganha validade, os moradores estarão liberados ou obrigados em buscar complemento de renda em atividades não-agrícolas.

Pode-se observar neste capítulo que o bairro rural Mandassaia se caracteriza pela forte presença da agricultura familiar e que a monocultura do café é uma importante fonte de renda para a economia de seus moradores e do bairro em geral, apesar das dificuldades que estes enfrentam em relação a manutenção de suas lavouras até conseguirem um bom preço na venda do produto. Mas, a maioria dos moradores se consideram com estabilidade financeira e boas condições de vida apesar dos desafios para se manterem investindo na lavoura de café.

O próximo capítulo irá ressaltar as formas de manifestação da pluriatividade no bairro rural

Mandassaia, como o isolamento afeta os moradores jovens do bairro e como acontece a relação destas famílias na busca de empregos e outras oportunidades nos municípios vizinhos.

3.2 FORMAS DE MANIFESTAÇÕES DA PLURIATIVIDADE

A pluriatividade é uma forma de resposta dos agricultores diante de um conjunto de situações que determinam esta estratégia de trabalho. Por isso, é importante considerar a particularidade de cada família agricultora e as condições para estes aderirem a pluriatividade como uma importante fonte de renda.

Diante de vários fatores que poderiam motivar uma família agricultora a aderir a pluriatividade, um destes seria a diferenciação geográfica, pois cada localidade ou mesmo o caso do bairro rural em estudo o Mandassaia, pode influenciar na rentabilidade das culturas produzidas nas propriedades, nos preços de mercado devido os gastos no escoamento e outros fatores que podem garantir a permanência destes agricultores no campo ou induzi-los a aderirem outras atividades não-agrícolas como complemento na renda.

Em uma entrevista com o presidente da associação dos produtores rurais de Mandassaia, ele relata que além da cafeicultura produzida pelos agricultores familiares do bairro, os grandes produtores cultivam milho e feijão de forma mecanizada. E para o subsídio, grande parte dos agricultores familiares criam aves, suínos e bovinos.

“Aqui tem milho, tem feijão, mas isso tudo é mecanizado. Já não é o pequeno produtor que produz, eles também produzem, mas para o gasto. Temos a criação de porcos, galinhas e vacas para o leite, mas é para o consumo também” (E3 - 45 anos).

Gráfico 18 - Atividades rurais desenvolvidas nas propriedades entrevistadas.



Fonte: Entrevistas (2015)

Elaboração: Autora.

***Outros:** apicultura, hortas de frutas e hortaliças, plantação de eucalipto, produção de queijo, comércio (vendinga) do bairro e as atividades não-agrícolas.

Além da cultura do café que ganha destaque no bairro, a produção de milho também é desenvolvida no Mandassaia para fins comerciais ou para subsistência. Já a criação de animais nas propriedades é para o próprio consumo dos moradores, apesar de por necessidade, se precisarem os animais podem ser vendidos para auxiliar na renda. O plantio do feijão geralmente em escala maior e de forma mecanizada é realizado em grandes propriedades, mas os agricultores familiares ainda plantam para o próprio subsídio, principalmente em épocas que o preço está elevado e a compra em supermercados não é viável (figura 07).

Figura 7 - Plantação de feijão em uma propriedade no bairro rural Mandassaia.



Fonte: Trabalho de Campo (maio/2015).

A plantação de feijão em menor escala é produzida em terras associadas ao café, o plantio é manual efetuado pelos próprios agricultores familiares. A colheita do feijão neste caso acontece de forma manual também por arrancamento das plantas, estas são levadas para o terreiro onde terminam de secar e depois são batidas para que as vagens debulhem o feijão. Em alguns casos, existe o interesse de compra de feijão por parte dos moradores do bairro, já que esta leguminosa possui de duas a três safras por ano.

Os outros tipos de atividades produzidas nas propriedades rurais são a apicultura, hortas de frutas e hortaliças, plantação de eucalipto, produção de queijo e comércio (vendinga) do bairro (figura 8). Algumas destas atividades não-agrícolas são consideradas pluriatividade pois complementam a renda das famílias.

Figura 8 - Comércio (vendinha) do bairro rural Mandassaia.



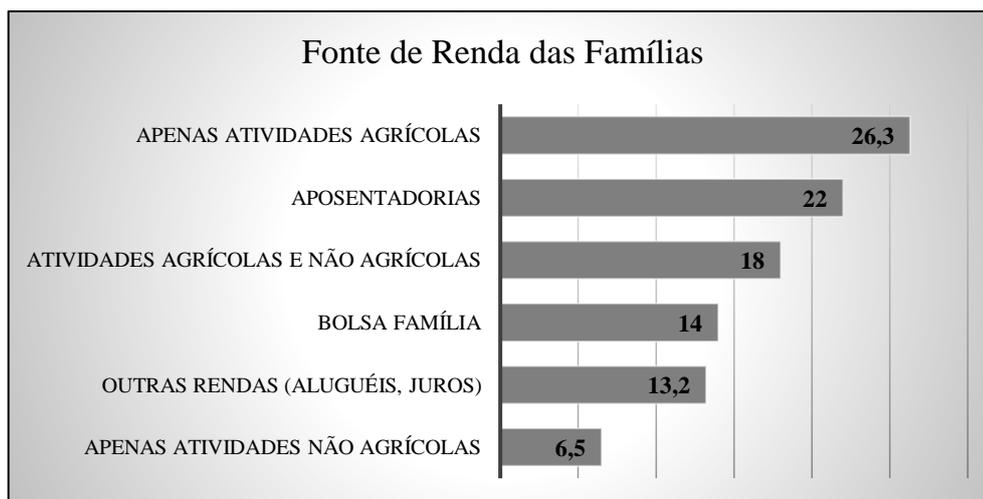
Fonte: Trabalho de Campo (2015).

A venda (comércio) do bairro é procurada em situações de emergência como pequenas compras ou encontros corriqueiros entre os moradores que passam na estrada próxima. Uma moradora entrevistada ressaltou, que os preços dos produtos comercializados muitas vezes são incompatíveis em relação a outros estabelecimentos, por esse motivo os moradores preferem fazer as compras alimentícias em Alfenas ou Alterosa, e deixam a vendinha apenas para uma necessidade.

Desta maneira é perceptível que o espaço rural não é homogêneo e sim heterogêneo. E que a pluriatividade praticada nas propriedades rurais demonstra que os agricultores familiares buscam renda em outras atividades alternativas e não somente na agricultura extensiva. Estes novos mecanismos de trabalho são extremamente importantes para a sobrevivência desses agricultores, uma vez que, sem esse suporte para muitas famílias se tornaria mais delicado permanecer no campo, principalmente pela falta de incentivo governamental e apoio administrativo, econômico e profissionalizante para os integrantes destas famílias. Logo, percebe-se que é necessário aplicação de políticas públicas que visem o crescimento e consolidação da agricultura familiar no país como um todo, para que o rural deixe de ser percebido como espaço de atraso e refém da benevolência dos centros urbanos.

No bairro rural Mandassaia a produção de café é de extrema importância para as famílias, mas existe uma supremacia da aposentadoria (gráfico 19).

Gráfico 19 - Fontes de renda das famílias entrevistadas.



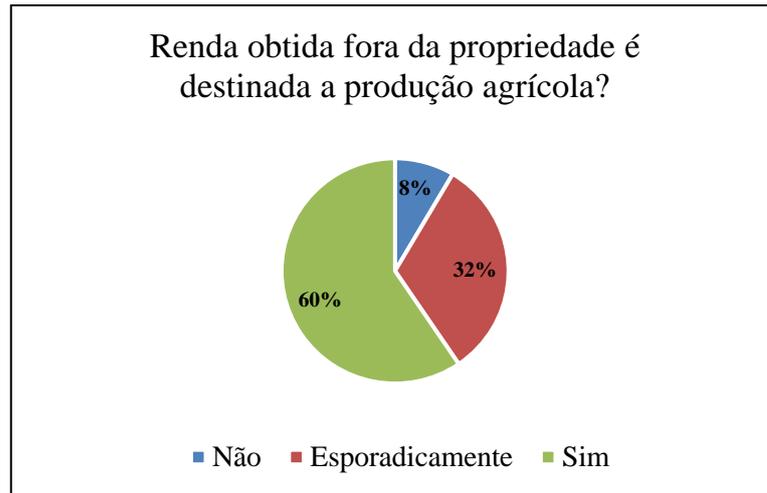
Fonte: Entrevistas (2015)
Elaboração: Autora.

De acordo com as famílias entrevistadas, a maior parte da renda são advindas de atividades agrícolas e da aposentadoria, pois há um predomínio de moradores idosos no Mandassaia, que acontece justamente pelo regresso da cidade ou por aqueles que optaram por permanecer no bairro de origem. Muitos destes idosos vivem em suas propriedades rurais sem a presença dos filhos, pois estes migram para outras cidades em busca de melhores propostas de emprego e condições de vida.

Já as atividades não-agrícolas, aparece de forma sutil devido ao isolamento do bairro em relação a cidade de Alfenas, o que dificulta o deslocamento no dia-a-dia dos moradores. As profissões que se enquadram como pluriativas no Mandassaia são: professora e outras funcionárias da escola que moram no bairro, motorista escolar, motoristas de maquinários agrícolas (tratores, colheitadeiras e outros maquinários), agente de saúde e funcionários da fazenda Icaraí.

Como pode-se observar não são todas famílias entrevistadas que se dedicam às atividades agrícolas e mesmo que a pluriatividade aconteça de forma moderada devido à falta de integração com Alfenas, essa renda auxiliam os respectivos trabalhadores na propriedade ou na renda familiar (gráfico 20).

Gráfico 20 - Renda obtida com atividades fora da propriedade e a produção agrícola.



Fonte: Entrevistas (2015)
Elaboração: Autora.

Como pode-se analisar, a renda obtida com atividades fora da propriedade é destinada à produção agrícola, já outros investem de forma equilibrada, uma vez que a principal renda é advinda do café e este possui safra bienal, por isto existe uma reserva como forma de segurança. E apenas uma baixa porcentagem, não investem na produção agrícola, pois a renda de atividades advindas fora das propriedades são para suprir outras necessidades da família.

Nos últimos anos, o campo tem sido configurado por um processo de transformações onde a zona rural e a zona urbana se mesclam para respaldar ambas populações.

Com a disseminação da agricultura capitalista no espaço rural, este se transformou em uma área de produção de extensas monoculturas de exportação, o que vem subtraindo áreas de plantio dos pequenos produtores, pois a constante compra ou aluguel das terras por grandes proprietários impedem a compra de uma pequena parcela de terras por parte dos produtores familiares que poderiam ampliar suas áreas de cultivos.

Este processo de adaptação torna os agricultores dependentes da mecanização e dos insumos agrícolas, onde o intuito é atender as exigências do mercado. Com as oscilações de preço e a manipulação das cooperativas em relação a compra das sacas de café, os agricultores familiares muitas vezes arcam com os altos custos da lavoura sem ter um retorno próspero. E conseqüentemente, a pressão que o mercado local exerce sobre os agricultores familiares esta cada vez mais estreita e interpessoal em relação de trabalho familiar. Com a crescente limitação na mão-de-obra familiar e a baixa lucratividade, estas famílias correm sérios riscos de não permanecerem mais no espaço rural.

Considerando os problemas levantados em relação ao agricultor familiar, o impacto social e econômico que sua unidade de produção passa. Foi questionado, como este agricultor poderá permanecer no campo diante da pressão das novas técnicas de produção cada vez mais crescente no âmbito do agronegócio.

Diante dos recursos propostos pela Revolução Verde que afirmava a melhora significativa na produção do campo, esta afetou os pequenos produtores de forma negativa pois a obtenção destes benefícios trouxe degradação, falta de planejamento e equilíbrio com a natureza, além da exigência da alta qualidade no mercado e os preços pré-estabelecidos para venda, são alguns fatores relevantes para o declínio da agricultura familiar. Além destes pontos negativos, temos o impacto ambiental que acompanhou essa modernização e se estende pelos dias atuais, como os solos inférteis, destruição e contaminação dos rios com agrotóxicos, erosão, alteração da paisagem rural com vastas plantações de monocultura e o desmatamento em larga escala.

A alteração do espaço agrário trouxe consigo o êxodo rural, pois os agricultores que se endividaram para aumentar a produtividade não alcançaram as margens de produção ou enfrentaram problemas com o próprio manejo da lavoura, levando-os a venderem suas propriedades para sanarem as dívidas o que causou uma saturação nas cidades e uma queda na produção de alimentos no país.

Os agricultores que resistiram a essas exigências impostas pelo governo desenvolveram técnicas de sobrevivência no campo, já que essa alta parcela da zona rural não conseguiria elevar a produtividade agrícola do Brasil somente com a adesão dos pacotes tecnológicos. Desta forma, estes agricultores se organizaram através de outras atividades como a manifestação da pluriatividade, que concilia a mão-de-obra na zona rural com outras atividades não-agrícolas no setor industrial, serviço temporário, flexível etc.

Assim, para compreender um bairro rural é necessário conhecer sua totalidade, seu histórico e adaptações. Para depois analisar o particular e o modo de vida. Uma vez que estes aspectos históricos respondem muitos questionamentos atuais, em relação às questões ambientais, culturais, sociais e econômicas.

O recorte realizado no Mandassaia se definiu na compreensão e na análise dos impactos que a implantação da Usina Hidrelétrica de Furnas ocasionou neste bairro rural do município de Alfenas. Conforme pode-se avaliar no decorrer da pesquisa, as adaptações que este bairro vivenciou explica como este está configurado atualmente e como a essência das famílias que lutaram e as que ainda lutam para retirarem da terra seu sustento se mantiveram.

As qualidades marcantes que pode-se observar no Mandassaia é a forte representatividade dos agricultores familiares, o trabalho baseado na mão-de-obra familiar, o ciclo de vida presente nas heranças que continuam sendo passadas de geração em geração, a renda totalmente adaptada para a monocultura do café, o aumento da população de idosos e crianças no bairro, a inserção dos agricultores familiares no mercado, o incentivo da associação de produtores em relação aos vários interesses da população do bairro e a religiosidade fortemente presente nas expressões de fé das famílias.

Portanto viu-se que a pluriatividade é uma alternativa para manter os agricultores familiares no campo, em tempos de uma economia que pouco valoriza estes agricultores. A finalidade da pluriatividade é de ampliar o modo de produção econômica destas famílias, pois, a zona rural possui significativa importância tanto para sua população rural, quanto para a zona urbana.

Deste modo, os agricultores familiares buscam se orientar através de novos processos, mediante a integração de atividades agrícolas e não-agrícolas em sua reprodução social e econômica levando em conta também suas particularidades. E as atividades que se manifestam como não-agrícolas, podem ser um trabalho no setor do comércio, principalmente em municípios vizinhos, na prestação de serviços como agente de saúde, cantineiras, domésticas, pedreiros, professoras entre outras profissões que podem ser realizadas fora da propriedade, como viu-se no gráfico de atividades desenvolvidas nas propriedades das famílias entrevistadas, algumas destas já exercem estas atividades no Mandassaia.

Uma das particularidades que caracteriza as famílias pluriativas é onde pelo menos um dos membros desta família exerce um tipo de atividade considerada não-agrícola ou que não possui envolvimento direto com processos de produção animal e/ou vegetal. Portanto, os moradores que exercem a pluriatividade e os que trabalham apenas com as atividades agrícolas, devem pertencer à mesma família e residirem na mesma casa, para serem designados como uma família pluriativa.

Assim deve ser levado em consideração as atividades não-agrícolas que são desenvolvidas fora da propriedade, mas pertencem a uma fazenda ou indústria rural cujas atividades assalariadas estão relacionadas ao setor de prestação de serviços como o beneficiamento ou processamento de produtos agrícolas in natura. Como exemplos de atividades não-agrícolas desenvolvidas nas propriedades rurais temos: as famílias que produzem derivados do leite como o queijo e o iogurte; as que partir da cana-de-açúcar produzem a rapadura ou aguardente; as que com a mandioca produzem a farinha e o polvilho; as que produzem das frutas as geleias e compotas, estas atividades também são consideradas pluriativas.

No bairro rural Mandassaia a pluriatividade sofre a influência do isolamento geográfico devido a represa de Furnas, por esse motivo a urbanização não atua de forma influente sobre os moradores deste bairro, uma vez que o custo para o deslocamento até o município de Alfenas seria alto se este ofício fosse realizado todos os dias.

Outra renda que tem sido importante para os moradores do bairro é a aposentadoria e o bolsa família para as crianças, uma vez que este bairro possui uma considerável população de crianças e idosos. É importante ressaltar que as rendas não-agrícolas são aquelas anteriormente citadas, o que torna as rendas provenientes de aposentadorias ou transferências sociais diferentes de atividades não-agrícolas.

Por fim, neste último capítulo da pesquisa ressaltou-se quais são as atividades consideradas pluriativas e presentes no bairro rural Mandassaia, uma vez que este se adaptou após a inundação. Atualmente as lavouras de café avançam com a mecanização e subtraem cada vez mais a mão-de-obra familiar, como consequência desta constante transformação os agricultores familiares estão alterando aos poucos suas técnicas de plantio, manutenção e colheita das lavouras conciliando as atividades agrícolas e não-agrícolas em seus respectivos modos de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, viu-se que o campo é marcado por espaços típicos, e o processo de modernização trouxe sérias consequências para o desenvolvimento da agricultura. Como o nosso país possui diferentes regiões, uma das consequências da modernização no espaço agrário é a monocultura, principalmente aquelas destinadas à exportação, como exemplo a *commoditie* do café aqui na mesorregião Sul/Sudoeste de Minas Gerais, que é uma importante fonte de renda tanto para os agricultores familiares, como para os grandes proprietários.

De acordo com a análise do histórico de transformações do bairro rural Mandassaia, considerando a implantação da Hidrelétrica de Furnas e todo o processo de perda da territorialidade, alteração na principal fonte de renda e toda conversão social, política, ambiental, econômica e cultural que este bairro passou. A situação atual das famílias que enfrentaram as transformações do passado, foram de se adaptar das planícies férteis de arroz, para as lavouras de café nas colinas nos arredores de suas respectivas propriedades. Portanto, mesmo a cafeicultura sendo uma *commoditie* agrícola, esta faz parte da principal fonte de renda da maioria das propriedades de origem familiar do bairro.

Como foi ressaltado no decorrer da pesquisa, para os agricultores familiares se manterem no mercado e conseguirem uma melhora no preço da venda das sacas de café, estes devem produzir de acordo com as exigências que este mercado impõe. Diante deste leque de exigências, algumas famílias optaram pela pluriatividade como uma alternativa econômica de complemento na renda e medidas de segurança para a permanência destes no campo.

Com o isolamento espacial devido às águas da represa e a adaptação de novas atividades nas propriedades, vários moradores migraram do bairro antes mesmo da inundação. O fato do Mandassaia está isolado de sua sede municipal, denota várias implicações no dia a dia e nos interesses dos moradores, como já vimos na caracterização do bairro.

Não é somente, o quesito econômico que ganha destaque, pois esta população enfrenta dificuldades no deslocamento tanto para Alfenas quanto para Alterosa, pois as famílias devem optar por qual município irá atender suas necessidades com prontidão. Como o bairro é servido apenas por uma balsa que funciona com horários definidos, e apenas uma linha de ônibus que oferece o deslocamento duas vezes por semana para Alfenas, pode-se imaginar como é difícil a socialização desta população com o restante do município e é perceptível que a barreira física que atingiu o bairro no final da década 1950 é um dos motivos do Mandassaia se manter estável em relação aos outros

bairros rurais do município de Alfenas, pois este não tem como se expandir, mas mesmo diante destes desafios seus moradores continuam lutando para melhorar suas condições de vida.

Entre todas características já citadas para caracterizar a agricultura familiar é importante destacar a forma como acontece a organização das famílias em sua reprodução agropecuária. Pois, é justamente esta organização e reprodução que unem o passado com o presente e motivaram os moradores do Mandassaia se adaptarem à nova realidade que lhes foi imposta. É a tradição e a identidade firmada nos moradores do bairro, desde antes da inundação, que impulsiona estes agricultores a viverem e cultivarem a terra.

Como a constituição do Mandassaia é antiga, o tempo de permanência dos moradores no bairro é alta e está fortemente vinculada ao sentimento de pertencimento, principalmente pelos idosos que viveram praticamente toda a vida no bairro e utilizavam as práticas da agricultura familiar, hoje os atuais moradores continuam vivendo da agricultura diversificada e buscam estratégias para viabilizarem uma melhor economia.

Esta dinâmica tem ocorrido principalmente pelos jovens que vivem no bairro e possuem uma família constituída ou pelos adultos que buscam alternativas de complementos na renda, através de serviços que possam ser vinculados à cultura do café. A estratégia da pluriatividade no bairro tem acontecido de forma sutil como pode-se ver nos dados obtidos pelas entrevistas, mas, contudo, pode-se considerar um grande passo, pois o isolamento é um fator que impedia a diversificação das práticas agrícolas no Mandassaia, e somente no futuro, com outra pesquisa, saberemos se estas atividades não-agrícolas ganharam mais espaço nas propriedades e nas práticas familiares dos moradores do bairro rural Mandassaia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENTEJANO, P. R. R. **Pluriatividade: uma noção válida para a análise da realidade agrária brasileira**. In: TEDESCO, João Carlos. Agricultura Familiar: realidades e perspectivas. 3ªed. Passo Fundo: Ed. UFP, p. 149-178, 2001.

ANJOS, F. S. dos. **Agricultura familiar, pluriatividade e desenvolvimento rural no Sul do Brasil**. Pelotas: EGUFPEL, p. 374, 2003.

ANJOS, F. S. dos. **A agricultura em tempo parcial: elementos de discussão para um enfoque sociológico**. Brasília: Cadernos de Ciência & Tecnologia, v.12, n.1/3, p.39-54, 1995.

BALDASI, O. V. **Mudanças no meio rural e desafios para o desenvolvimento sustentável**. ISSN 1806-9452, São Paulo Perspec. vol.15, nº.1, Jan./Mar. São Paulo. 2001.

BOMBARDI, Larissa Mies. **O Bairro Reforma Agrária e o processo de territorialização camponesa**. São Paulo: Annablume, 2004.

CÂNDIDA, A. C.; BORGES, A. A. da S.; SANTOS, H. M. N. **Novas atividades agrícolas e não agrícolas no município de Araguari-MG**. Rev. Católica, Uberlândia, v. 2, n. 3, p. 112-125, 2010.

CARNEIRO, M. J. Em que consiste o familiar da agricultura familiar? In: COSTA, L. F. de C.; FLEXOR, G.; SANTOS, R. (org.) **Mundo Rural Brasileiro: ensaios interdisciplinares**. Rio de Janeiro: Mauad X; Seropédica, RJ: EDUR, pag. 225-269, 2008.

CARNEIRO, M. J. **Ruralidade: novas identidades em construção**. In: Revista Estudos, Sociedade e Agricultura. Rio de Janeiro: CPDA-UFRRJ, n. 11, Out. p.53-75, 1997.

ESTRADA, E. M. **Agricultura familiar, pluriatividade e desenvolvimento rural no Sul do Brasil**. Estudos Sociedade e Agricultura. 2003.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **História, tempo presente e história oral**. Topoi: Rio de Janeiro, dezembro 2002, p. 314 – 332.

LASA LATIAN AMERICAN STUDIES ASSOCIATION. 2015. San Juan, Puerto Rico. **Os limites da pluriatividade: organização da produção, do trabalho e dos rendimentos em pequenas propriedades agrícolas de pequenas cidades (SP/Brazil)**. Prepared for delivery at the Congress of the Latin American Studies Association, 27-30, maio. p. 24, 2015.

LEMONS JÚNIOR, C. B. **A implantação da usina hidrelétrica de FURNAS (MG) E SUAS REPERCUSSÕES**: Estudo sobre a Territorialização de Políticas Públicas. 2010. 129f.

Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociência, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

LIBANIO, C. R.; CALDERARO, R. A. P.; VALE, A. R. Do pequeno ao grande: o contexto da cafeicultura no Sul de Minas e sua questão agrária. **Revista Discente Expressões Geográficas**. Florianópolis: UFSC, n. 07, jun./2011, p. 155 - 173.

MARQUES, M. I. M. **O conceito de espaço rural em questão**. Terra Livre, São Paulo, ano 18, n. 19, p. 92-112, jul./dez. 2002.

MOREIRA, E. V. **As múltiplas fontes de rendas e a pluriatividade nos bairros Aeroporto, Cedro, Córrego da Onça, Ponte Alta e Gramado no município de Presidente Prudente-SP**. Dissertação de mestrado, Pós-graduação em Geografia, UNESP Presidente Prudente – Presidente Prudente, 2007.

NEY, V. S. P. **Atividades agrícolas e não-agrícolas no meio rural do Estado do Rio de Janeiro**. 115f. Tese de Doutorado em Produção Vegetal, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF, Campos dos Goytacazes, 2010.

OLIVEIRA, A. R. **Bairros rurais de Anhumas-SP: espaço, história e organização**. 2006. 210f. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Estadual Paulista, Instituto de Ciências e Letras, Araraquara, 2006.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ALFENAS. Plano Diretor Participativo de Alfenas (MG). **Leitura Técnica**. Alfenas: Secretaria de Planejamento e Coordenação, 2006.

RUA, João. **A Resignificação do Rural e as Relações Campo-Cidade: uma contribuição geográfica**. Revista da ANPEGE, ano1, n.1, Curitiba-PR, 2003.

SCHNEIDER, Sérgio. **Teoria social, agricultura familiar e pluriatividade**. Revista Brasileira de Ciências e Sociologia. São Paulo, SP. v. 18, n. 51, p. 99-122, fev. 2003.

SCHNEIDER, S.; MATTEI, L.; CAZELLA, A. A. **Histórico, caracterização e dinâmica recente do PRONAF – Programa nacional de fortalecimento da agricultura familiar**. Políticas Públicas e Participação Social no Brasil Rural. Porto Alegre, 2004.

SCHNEIDER, S.; RADOMSKY, G. F. W. **A pluriatividade e as transformações do mercado de trabalho rural gaúcho: estudo de caso no município de Barão, RS**. In: CAMPANHOLA, C; GRAZIANO DA SILVA, J. (ed.). O novo rural brasileiro: renda das famílias rurais. V. 5. Brasília, p. 263-320, 2004.

SCHNEIDER, S.; CONTERATO, M. A. **Transformações agrárias, tipos de pluriatividade e desenvolvimento rural**. In: NEIMAN, G.; CRAVIOTTI, C. (org.). Entre el campo y la ciudad. Ediciones CICCUS. Buenos Aires, 2006.

SCHNEIDER, S. **A pluriatividade no meio rural brasileiro: características e perspectivas para investigação**. GRAMMONT, Hubert Carton de e MARTINEZ VALLE, Luciano (Comp.). (Org.). La Pluriactividad em el campo latino-americano. 1° ed. Quito/Equador: Ed. Flacso - Serie FORO, v.1, p.132-161, 2009.

SILVA, R. N. **Uso e ocupação do solo em espaço de transição rural/urbano: a realidade do Pólo Agroflorestal Geraldo Mesquita e a expansão do Bairro do Calafate em Rio Branco**. **CRISE, PRÁXIS E AUTONOMIA: ESPAÇOS DE RESISTENCIAS E DE ESPERANÇAS** ESPAÇO DE DIÁLOGOS E PRÁTICAS, ISBN 978-85-99907-02-3, 2010. Porto Alegre. Anais XVI Encontro Nacional dos Geógrafos. Porto Alegre, p. 1-11, 2010.

SILVESTRO, M. L. et al. **Os impasses sociais da sucessão hereditária na agricultura familiar**. Florianópolis: Epagri; Brasília : Nead / Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2001.

SOUSA, J. F. de. **Resignificando antigas práticas**: As atividades agrícolas e não-agrícolas como estratégias de sobrevivência dos agricultores familiares no Município de Santa Maria do Suaçuí, Minas Gerais. 127f. Tese de mestrado em Meio Ambiente e Sustentabilidade, Centro Universitário de Caratinga UNEC, Caratinga, 2006.

SOUZA. P. C. HESPANHOL, A. N. **Bairros Rurais e resistência: a formação das comunidades rurais no oeste paulista**. Revista Campo-Território, v.5, nº 10, 2010, pag. 168- 193.

VALE, A. R. **Expansão urbana e plurifuncionalidade no espaço periurbano do município de Araraquara (SP)**. 2005. 214f. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2005.

VEIGA, J. E. da, et al. **O Brasil rural precisa de uma estratégia de desenvolvimento**. Convênio FIPE – IICA (MDA/CNDRS/NEAD). Brasília. 2001.

VIEIRA, J. M. **Mandassaia... Naquela época... quando Furnas era o crime do século...”**. Alfenas: Gráfica Atenas, 2009.

XLVI CONGRESSO DA SOCIOLOGIA BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL. 2008. Rio Branco. **O debate brasileiro sobre pluriatividade: implicações sobre o desenvolvimento rural e as políticas públicas** (apresentação oral agricultura familiar e ruralidade). Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural: 2008. 21p.

WANDERLEY, M.N.B. **Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade**. Estudos Sociedade e Agricultura, v.21, Rio de Janeiro, 2003, pág. 42-61.

_____. **O Agricultor familiar no Brasil: um ator social da construção do futuro IN:** PETERSON. O. (org) **Agricultura familiar camponesa na construção do futuro**. Rio de

Janeiro: AS-PTA, 2009. Disponível em: <http://aspta.org.br/wp-content/uploads/2011/05/N%C3%BAmero-especial.pdf> Acesso em: 12 mar. 2016

_____. **Raízes históricas do campesinato Brasileiro**. XX Encontro Anual da ANPOCS. GT 17, Caxambu - MG, 1996.

WANDERLEY, M. N. B; FAVARETTO, A. A singularidade do rural brasileiro: implicações para as tipologias territoriais e a elaboração de políticas públicas. In: MIRANDA, C.; SILVA, H. (org). **Concepções da ruralidade contemporânea: singularidades brasileiras**. Brasília: IICA, 2013.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - Roteiro de entrevista aplicada com os moradores mais antigos do bairro rural Mandassaia

- 1) O senhor (a) se recorda como era o bairro no começo?
- 2) Recorda-se como se deu a fixação das primeiras residências no bairro?
- 3) Quais eram as famílias que vieram no bairro naquela época? Quais ainda permanecem no bairro até hoje?
- 4) Como era a relação entre elas? E hoje?
- 5) Quais as principais atividades exercidas naquela época no bairro? Que culturas plantavam? E hoje?
- 6) Como eram divididas as tarefas na roça entre os membros da família? Qual era o papel da mulher? E hoje?
- 7) Além de trabalharem na propriedade de vocês, também trabalhavam para outros proprietários? E hoje?
- 8) Havia estradas naquela época que ligavam o bairro a Alfenas? Como eram? Quais os meios de transporte eram utilizados?
- 9) Havia festas religiosas no bairro? Como eram? Continuam existindo hoje?
- 10) Com que frequência vocês visitavam a cidade? Por quê? O que costumavam comprar lá? E hoje?
- 11) Quais as mudanças que o senhor (a) destaca que ocorreram no bairro com o tempo? Porque elas ocorreram?
- 12) Como o senhor (a) vê o bairro hoje, melhorou ou piorou com relação ao passado? E no futuro, como acha que será?

APÊNDICE 2 - Questionário aplicado aos moradores do bairro rural Mandassaia

Nome da propriedade: _____
 Nome do Entrevistado: _____ Idade: _____

1. Qual o tamanho da propriedade rural? _____
2. Quais as atividades rurais desenvolvidas na propriedade?
 agrícola. Quais? _____
 pecuária _____
 outras atividades (não agrícolas) Quais? _____

3. Qual é a mais importante para a renda familiar? _____
4. As outras atividades são:
 comercializadas. _____
 Quais? _____
 para subsistência. Quais? _____
 ambas. _____
 Quais? _____

5. Quantos membros existem na família? _____
6. Todos os membros da família se dedicam à agricultura da propriedade?
 sim. Quantos? _____
 não. Quantos? _____

Algum membro da família que reside na propriedade exerce atividade externa?
 sim
 não

Membro	Profissão	Local de trabalho	Renda	Ha quanto tempo trabalha nessa atividade	Vantagens

Qual é a participação deles no orçamento da família?
 auxilia nas despesas da família
 Qual a proporção?

- somente para gastos pessoais. Quais? _____
- não participa do orçamento familiar
7. Se algum membro da família trabalha na cidade, a maior parte da renda familiar é obtida com:
 atividade agropecuária.
 Valor? _____
 atividade urbana.
 Valor? _____
8. Qual a sua condição em relação às terras: _____

- proprietário
- arrendatário
- parceiro
- ocupante
- outro _____

9. Qual é a renda familiar mensal?

- menos de 1 SM
- até 1 SM
- de 1 a 3 SM
- de 3 a 5 SM
- de 5 a 10 SM
- mais de 10 SM

10. A família considera que possui boas condições de vida?

- sim
- não

Por

quê? _____

11. Na lavoura trabalham:

- somente os membros da família
- membros da família e trabalhadores contratados
- somente trabalhadores contratados

12. Que tipos e quantos trabalhadores são contratados na propriedade para a lavoura?

- trabalhador rural permanentes (formal). Quantos? _____
- trabalhador rural temporário (formal). Quantos? _____
- trabalhador rural temporário (informal). Quantos? _____

13. Os trabalhadores permanentes, na sua maioria?

Têm origem:

- do município de Alfenas
- de outros(s) município(s)

Moram:

- na propriedade
- em outra propriedade
- na cidade

14. Quais e quantos maquinários e/ou implementos agrícolas existem na propriedade?

Maquinários e/ou implementos agrícolas	Quantidade	Situação de pertencimento	
		Próprio	Emprestado
Tratores			
Caminhões			
Colheitadeiras			
Rocadeiras			
Adubadeiras e/ou distribuidoras de calcário			
Grades e/ou enxadas rotativas			
Pulverizadores e/ou atomizadores			
Grades e/ou enxadas rotativas			
Pulverizadores e/ou atomizadores			
Derricadeira manual motorizada			
Abanadora mecânica			
Lavador-separador mecânico			
Descascador e despulpador mecânico			
Secador de café			
Beneficiadora de café			
Ensacador de café			
Outros:			

15. Utiliza qual(is) tipos de insumo químico?

16. Adquire créditos para financiar os custos de sua produção?

sim

não

Por

quê? _____

Qual produção é financiada? _____

17. O financiamento é satisfatório?

sim

não

Por quê?

18. Está inscrito em algum programa governamental de ajuda financeira que auxilia no desenvolvimento de alguma atividade?

não

sim. Qual (is)?

Pronaf

outro.

Qual

atividade? _____

19. O programa governamental é satisfatório?

sim

não

Por quê?

20. Com a renda obtida na lavoura, o produtor consegue pagar todas as despesas com a lavoura e colheita e manter as necessidades básicas da família:

sim

não.

Porque _____

21. Quais são as medidas e ações que poderiam ser adotadas para a permanência do agricultor familiar na campo? _____

22. Quais são suas perspectivas?

23. Percebe mudanças no bairro? Quais?

24. As famílias tradicionais continuam a morar no bairro? E os jovens?

APÊNDICE 3 - Questionário aplicado às mulheres do bairro rural Mandassaia

Nome: _____

Idade: _____

Estado civil: _____

Filhos: _____

1) A senhora sempre viveu nesse bairro?

2) A propriedade agrícola foi adquirida:

() compra

() herança. Da parte de quem? _____

3) A senhora estudou? Até que nível? Em que escola?

4) Gostaria de ter estudado mais?

() sim. Por quê? _____

() não. Por quê? _____

5) Trabalha na propriedade rural junto com sua família?

() sim. Em que atividades? _____

Considera que seu trabalho é valorizado?

() sim.

() não. Por quê? _____

6) Recebe parte do dinheiro com a venda dos produtos da propriedade?

() sim.

() não. Por quê? _____

7) Como é sua relação com a vizinhança?

8) Participa de alguma organização associativa?

() sim. Qual? _____

() não.

9) Pensa em continuar vivendo no campo?

() sim. Por quê? _____

() não. Por quê? _____

10) O que pensa sobre a situação da agricultura familiar brasileira?

11) Que futuro imagina para a propriedade rural de sua família? E para o seu bairro?
